

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MIRIANE ELISABETH DE SOUZA PEREIRA

‘TANTOS FLORINS, TANTOS RATOS’

- Considerações sobre dinheiro e dinâmica psíquica a partir do caso do
“Homem dos Ratos” -

Curitiba
2016

MIRIANE ELISABETH DE SOUZA PEREIRA

‘TANTOS FLORINS, TANTOS RATOS’

- Considerações sobre dinheiro e dinâmica psíquica a partir do caso do “Homem dos Ratos” -

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia (DEPSI) da Universidade Federal do Paraná para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.
Área de Concentração: Psicologia Clínica.
Orientadora: Professora Doutora Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

Curitiba
2016

Catálogo na publicação

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Pereira, Miriane Elisabeth de Souza

‘Tantos florins, tantos ratos’: - Considerações sobre dinheiro e dinâmica psíquica a partir do caso do “Homem dos Ratos”- / Miriane Elisabeth de Souza Pereira. – Curitiba, 2016.

103 f.

Orientadora: Profª. Drª. Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Dinheiro e psicanálise. 2. Economia psíquica. 3. Neurose obsessiva. 4. Psicologia clínica. I Título.

CDD 150.1952



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA
Código CAPES: 40001016067P0

ATA Nº 114

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia vinte e oito de Setembro de dois mil e dezesseis às 14:00 horas, na sala 317, Prédio Histórico - Setor de Direito, do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **MIRIANE ELISABETH DE SOUZA PEREIRA** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: "**TANTOS FLORINS, TANTOS RATOS**" **CONSIDERAÇÕES SOBRE DINHEIRO E DINÂMICA PSÍQUICA A PARTIR DO CASO DO "HOMEM DOS RATOS"**". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: **NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO (UFPR)**, **DEBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO (UFPR)**, **MAURICIO JOSE D'ESCRAGNOLLE CARDOSO (UFPR)**. Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou que os presentes e a mestranda deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 28 de Setembro de 2016.

Nadja Nara Barbosa Pinheiro
NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

Mauricio
MAURICIO JOSE D'ESCRAGNOLLE CARDOSO
Avaliador Interno (UFPR)

Debora
DEBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO
Avaliador Externo (UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA
Código CAPES: 40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MIRIANE ELISABETH DE SOUZA PEREIRA**, intitulada: **"TANTOS FLORINS, TANTOS RATOS" CONSIDERAÇÕES SOBRE DINHEIRO E DINÂMICA PSÍQUICA A PARTIR DO CASO DO "HOMEM DOS RATOS"**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

Curitiba, 28 de Setembro de 2016.

Nadja Nara Barbosa Pinheiro
NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

Maurício José d'Escagnolle Cardoso
MAURICIO JOSE D'ESCRAGNOLLE CARDOSO
Avaliador Interno (UFPR)

Debora Patricia Nemer Pinheiro
DEBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO
Avaliador Externo (UFPR)

Miriane Elisabeth de Souza Pereira

TÍTULO: 'Tantos florins, tantos ratos' - Considerações sobre dinheiro e dinâmica psíquica a partir do caso do "Homem dos Ratos"

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia (DEPSI) da Universidade Federal do Paraná para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de Concentração: Psicologia Clínica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____
Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____
Instituição _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná pela oportunidade de realização do curso do Mestrado.

À minha orientadora, Prof. Dra. Nadja Pinheiro que muito me ensinou, sou grata a todas as contribuições para meu crescimento científico e intelectual. Por gentilmente ter apostado em meu potencial e por ter me dado o suporte necessário para realização dessa construção.

À Prof. Dra. Débora Patricia Nemer Pinheiro, que me inspirou a buscar aprofundamentos teóricos na Psicanálise. Ao Prof. Dr. Mauricio José D'Escragnolle Cardoso, que me trouxe diversos ensinamentos sobre a Psicanálise. E a ambos pelas observações sobre este trabalho no período da qualificação.

À prof. Dra. Luciana Albanese pela disponibilidade em participar da banca de qualificação, assim como de defesa.

A todos os professores do Mestrado, que contribuíram de alguma maneira para minha formação. Aos colegas do Mestrado pelo apoio nos momentos em que mais convivemos.

À amiga Lígia Maria Durski, pelo apoio incansável, pelo auxílio quanto à apropriação dos conceitos e pelas discussões produtivas.

A todos os colegas de trabalho do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas Fênix, que em inúmeras circunstâncias compreenderam minhas ausências. Especialmente à Andressa, pela paciência nos momentos de tensão, à Brenda por sua escuta, à Maria Eduarda pela empatia, à Gislaine, pelas palavras amigas, à Rose, pelo carinho, à Suellen, pelo incentivo, à Neiva pela preocupação e ao Caio, por sua compreensão e flexibilidade.

À toda minha família, pela compreensão e carinho ao longo da elaboração deste trabalho. Em especial, ao meu irmão Wagner por toda paciência durante esse percurso. À minha mãe Jane, por todo apoio sempre. Ao meu pai, Mauricio por me encorajar nas minhas escolhas. À minha avó, Maria Izabel, por me transmitir o interesse pelo conhecimento. A vocês: vô João, tio Chris, tio Fabiano, tio Marcelo, tio Paulo e tia Deize agradeço pelo interesse que tiveram quanto à minha pesquisa. À madrinha Josy, pela torcida! À Élide e Nathalia pelo estímulo. Ao Dorival e Haydée pela força e por me encorajarem de diversas formas na construção deste trabalho.

A todos os meus amigos, pelo amparo. Especialmente à Isabela, pelas palavras e atitudes de carinho e companheirismo. À Gislaine, pela ajuda incondicional. À Silvana, por todo acolhimento nos momentos mais difíceis. À Anne pela presença e companheirismo. À Fabiana e ao Alexandre, por todos os

momentos compartilhados. Ao Jeneson, pela disponibilidade de escuta. À Simone, pela sensibilidade. Ao Volnei, pelo carinho sempre e afeto.

Aos meus pacientes, que me motivam a estudar e me aprimorar a cada dia e me ensinam muito sobre a vida.

O essencial é invisível aos olhos.

Saint-Exupéry

RESUMO

A partir do trabalho clínico psicanalítico singular transcorrido em diferentes contextos institucionais, entre as inúmeras questões suscitadas acerca da circulação do dinheiro em suas dependências, em termos de presença ou ausência, a presente dissertação privilegiou o estudo da relação entre dinheiro e economia psíquica. Com esse objetivo utilizou-se do caso conhecido como “Homem dos Ratos”, descrito no artigo freudiano **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (1909)**, como ferramenta para o estudo desta relação. A dissertação começa com uma síntese do caso clínico freudiano, seguida de uma reflexão sobre a questão do dinheiro nele existente. Tal consideração permitiu a demarcação do contexto teórico elaborado por Freud à época do tratamento e evidenciou indícios que o autor percebe a existência de uma relação entre dinheiro e sexualidade. Nesse sentido, o primeiro capítulo contemplou as elaborações teóricas referentes à primeira tópica e primeira teoria pulsional freudiana sublinhando a questão da atemporalidade psíquica que nos permite compreender que as vivências primitivas são passíveis de se (re)atualizarem na vida adulta. Destacando a relevância das fases pré-genitais da organização da sexualidade, uma conexão simbólica entre “dinheiro” e “falo-pênis-fezes” foi anunciada. Também, destacou-se que na fase sádico-anal a relação entre as fezes e controle de satisfação de si e dos outros começa a se caracterizar e estabelecer possibilidades de diferenciação entre o Eu e seus objetos. Por essa razão, recorreu-se à problematização do estágio de narcisismo, no qual as delimitações entre o Eu e os seus objetos são demarcadas, assim como as instâncias ideais constituídas, a partir do que pôde-se enfatizar o conflito vivenciado pelo paciente entre sustentar o próprio desejo ou submeter-se às expectativas parentais. Com o objetivo de compreender as bases deste conflito recorreu-se a alguns conceitos elaborados por Freud no âmbito da segunda tópica e segunda teoria pulsional. Assim, no segundo capítulo da dissertação, inicialmente, apresentou-se o conceito de compulsão à repetição, a partir do qual problematizou-se a situação da dívida do pincenê, o que levou à necessidade de uma compreensão sobre a formação do Super-eu. Com o estudo do Super-eu, a dimensão simbólica fez-se evidente, apontando haver um deslizamento entre os instrumentos passíveis de regular o prazer de si e dos outros nas suas relações afetivas e amorosas: da ineficácia no uso das fezes, passou-se à interdição do uso do pênis (ao considerar que este uso remete ou à sua perda - via castração - ou à realização dos desejos proibidos), culminando na possibilidade do (ab)uso do dinheiro. Ao final do trabalho, uma perspectiva de futuro estudo foi anunciada: a compreensão do dinheiro em sua dimensão fálica.

Palavras-chaves: dinheiro, economia psíquica, fezes/pênis/falo, homem dos ratos.

ABSTRACT

From the psychoanalytic clinical work done in different institutional contexts, among many questions raised the presence or absence of money on treatment, this dissertation focused on the study of the relationship between money and psychic economy. For this purpose, we used a Freudian case known as "Rat Man", an article that is called "**Notes upon a Case of Obsessional Neurosis**" (1909) as a tool for the study of this relationship. The dissertation begins with a summary of the case followed by a reflection on the issue of money in it. This consideration led to the contextualization of the theoretical context of treatment and also showed some evidence that Freud stated that there is a relationship between money and sexuality. In this sense, the first chapter is about the context of the first Freudian topic and the first drive theory which presented characteristics of the psychic apparatus, emphasizing the issue of psychic timelessness that allows us to understand that early experiences are likely to be (re) updated in adulthood. Highlighting the importance of the pre-genital stages of sexuality organization, a symbolic connection between the element "money" with the objects "phallus-penis-feces" was announced. It was also highlighted that in the anal-sadistic phase the relationship between the stool and control of one's satisfaction and others begins to characterize and establish possible differences between the Self and the objects. For this reason, it was resorted to problematize the concept of narcissism, in which the boundaries between the Self and its objects are marked as well as the ideal constituted instances. The conflict experienced by the patient was emphasized as either supporting his own desire or submitting to parental expectations. In order to understand the basis of this conflict, the second chapter attempts to make some considerations about the money issue in the context of the second Freudian topic. To do so, the concept of compulsion to repetition was introduced, from which problematized to *pince-nez* debt situation. Such elaborations led to the need of understanding the formation of the Super-ego. With the study of the Super-ego, the symbolic dimension became evident, indicating there is a slip of instruments capable of regulating the pleasure of the subject in their emotional and romantic relationships: bringing out the issue of the use of stool, then the prohibition of the use of the penis (considering that this use refers or to its loss - via castration - or the execution of forbidden desires), and resulting from these passages the possibility of (ab)use of money. At the end of this work, a prospect of future study was announced: the understanding of money in its phallic dimension.

Keywords: money, psychic economy, stool / penis / phallus, rat man.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 - IMAGEM DE EDWARD FOX.....	19
ILUSTRAÇÃO 2 - A FIGURA	26
ILUSTRAÇÃO 3 - COMPOSIÇÃO SURREALISTA.....	51
ILUSTRAÇÃO 4 - O LUAR (DOIS IRMÃOS)	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	pág.14
2. APRESENTAÇÃO DO CASO “O HOMEM DOS RATOS”	pág.19
3. PRIMEIRO CAPÍTULO: a questão do dinheiro no caso do Homem dos Ratos no contexto da primeira tópica freudiana.....	pág.26
3.1 Primeira tópica: leis do inconsciente, condensação e deslocamento.....	pág.28
3.2 Primeira teoria pulsional: sexualidade e as fases pré-genitais.....	pág.40
4. INTERPOLAÇÃO - A passagem da primeira para a segunda tópica: narcisismo e formação do Eu.....	pág.51
5. SEGUNDO CAPÍTULO: a questão do dinheiro no caso do Homem dos Ratos no contexto da segunda tópica freudiana.....	pág.61
5.1 Reflexões sobre a compulsão à repetição e a segunda teoria pulsional.....	pág.63
5.2 Segunda tópica: possíveis relações entre a constituição do aparelho psíquico face à alteridade.....	pág.70
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	pág.92
7. REFERÊNCIAS	pág.103

1. INTRODUÇÃO

Essa dissertação se propõe a investigar uma questão que emergiu a partir da minha atuação profissional tanto em ambulatorios de saúde mental¹ quanto no âmbito do consultório privado. Para contextualizar a questão, discorrerei sobre alguns aspectos dessas experiências.

No início de minha formação profissional, durante a graduação em Psicologia, realizei atendimentos clínicos individuais referentes às disciplinas de estágio obrigatório na clínica-escola da Universidade durante os anos de 2008 e 2009. Inseridos na lógica universitária, esses atendimentos seguiam as normas determinadas pela administração da clínica-escola, entre as quais destaco a gratuidade dos atendimentos. Após minha colação de grau participei de um projeto de extensão durante um ano em que essa lógica se mantinha. Nesse mesmo ano de 2010, me credenciei ao convênio na clínica-escola da Universidade. Quanto às regras deste convênio, ocorria que os pacientes da comunidade eram encaminhados para serem atendidos em meu consultório particular por um preço equivalente a 15% do valor estabelecido na tabela do Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Esse “valor menor” era estabelecido pela Universidade de forma arbitrária, sem que houvesse possibilidade de modificação ao longo do primeiro ano de tratamento.

No ano de 2011 comecei a trabalhar em um ambulatório de saúde mental e, nesse contexto, havia uma condição específica em relação ao pagamento: ele não era realizado pelos pacientes diretamente ao profissional, mas, sim, efetuado pelo Sistema Único de Saúde, que pagava cada atendimento à instituição.

No ano de 2013, iniciei um trabalho em outro ambulatório de saúde mental e lá permaneci até o ano de 2014. Uma característica comum que pude perceber nos dois ambulatorios públicos nos quais trabalhei, dizia respeito à dificuldade quanto à manutenção de uma frequência regular às sessões por parte dos pacientes - as faltas aconteciam amiúde. Diante dessa constatação, a instituição tentava estabelecer mecanismos para fazer com que os pacientes “pagassem caro” por suas

¹ Ambulatório público (com repasse de recursos financeiros pela via do município) com administração terceirizada por Ongs (Organizações não governamentais) ou por empresas privadas - atendia pacientes encaminhados por Unidades Básicas de Saúde credenciadas ao ambulatório. Geralmente este encaminhamento era realizado por médicos, as demandas eram diversas e o público atendido era composto por crianças, adultos e idosos. (BRASIL, 1992).

ausências. Em certo momento, a instituição estabeleceu que três faltas consecutivas resultariam no desligamento do programa, o que implicaria na suspensão do atendimento, mas ainda assim as faltas continuavam a ocorrer em grande quantidade.

Como se faz notável, em todos os contextos da minha experiência profissional me deparei com diversas questões relacionadas à presença ou à ausência do pagamento, em dinheiro, no tratamento.

A partir disso percebi que uma possibilidade de pergunta para minha pesquisa acadêmica poderia consistir em uma forma de verificar/ estudar a função do pagamento em um tratamento analítico. Com essas considerações em mente, e por apresentar elementos centrais referentes ao dinheiro, escolhi o caso clínico desenvolvido por Freud, “Homem dos Ratos”, como ferramenta para o diálogo entre a teoria e minha questão de pesquisa. Devido a essa peculiaridade, decidi modificar a questão de pesquisa para: Qual seria a função do dinheiro no caso do “Homem dos Ratos”?

Após estruturar tal questão busquei identificar as contribuições teóricas já propostas sobre o assunto nas seguintes bases de dados: Bireme, Pepsic, Scielo e BVS Saúde e as bases das universidades: USP, UFRJ, UEM, UNB e UFC. Utilizei as palavras-chave: “homem dos ratos e psicanálise” e encontrei dezoito artigos, nove dissertações e uma tese. Dos estudos encontrados, apenas dez artigos, sete dissertações e uma tese foram publicados nos últimos dez anos. Tais pesquisas se concentram em problematizar um conceito específico como, por exemplo, a agressividade, a transferência, o trauma e o sintoma relacionando-os ao caso do “Homem dos Ratos”. A temática mais próxima do que se pretende nesse estudo foi encontrada no artigo de Farias (2011), que se propôs a investigar a dívida simbólica no caso do “Homem dos Ratos”.

Esta pesquisa está vinculada ao Laboratório de Psicanálise do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e vem sendo desenvolvida na linha de pesquisa Psicologia Clínica, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta Universidade. A proposta da investigação foi a de produzir uma pesquisa conceitual que se constrói a partir do estudo de aspectos teóricos sobre uma questão suscitada no âmbito da prática clínica.

Quando se pesquisa em Psicanálise, é preciso levar em consideração que o método desenvolvido por Sigmund Freud se constitui em um método clínico, em que

há um movimento de retorno aos textos psicanalíticos com o objetivo de construir respostas diante de impasses que surgem no dia a dia clínico.

A perspectiva sobre o método de pesquisa em psicanálise segue o proposto por Garcia-Roza (1994) que afirma que a pesquisa teórica não é uma repetição de conceitos, mas construída a partir da criação do pesquisador e do retorno aos conceitos propostos na teoria. Logo, isso pode produzir um discurso, com rigor conceitual, que traz algo de novo para responder à questão investigada. Em outros termos, Garcia-Roza afirma que a pesquisa em Psicanálise deve ser teórica com o descarte da possibilidade de repetição da experiência clínica, já que esta é singular.

Nessa perspectiva, Darriba (2004) discorre, em um de seus trabalhos, sobre o que ele denomina de “inacabamento” dos conceitos psicanalíticos - conceitos não se esvaziam em sua totalidade. Segundo o autor, a psicanálise seria composta de um saber que ultrapassa o sujeito e seus conceitos e ressalta a importância do retorno ao material proveniente da clínica.

Com base nesses pressupostos, a presente pesquisa será realizada por meio da releitura de textos freudianos e de alguns de seus comentadores, tendo em vista os conceitos que se relacionam com a função do dinheiro no caso do “Homem dos Ratos”.

Em 1913, no texto “Sobre o início do tratamento”, Freud aponta para a existência de uma relação entre sexualidade e dinheiro. Desta forma, o início dessa investigação consistirá na apresentação de algumas relações entre sexualidade e a organização da libido para, posteriormente, compreender a equação simbólica proposta por Freud, “dinheiro-falo-pênis-fezes”², considerada como um enigma a ser investigado ao longo da pesquisa.

De forma geral, em todos os capítulos da dissertação haverá uma tentativa de articulação entre as situações apresentadas no caso clínico “Homem dos Ratos” e os conceitos freudianos para posterior construção de hipóteses de possíveis interpretações.

Além da referência central da obra de Freud na escrita dos capítulos, utilizaremos dois estudos relevantes para ampliar a discussão sobre a temática. O primeiro estudo é de Mezan (1998) que realiza uma comparação entre as duas

² A expressão “dinheiro-falo-pênis-fezes” representa o percurso escolhido de realização dessa pesquisa, pois partimos inicialmente do elemento “dinheiro” para em seguida, abordar os outros objetos e compreender a conexão entre eles.

versões do caso: a que foi publicada e a que é denominada Original Record, o registro original das sessões do “Homem dos Ratos”.

O segundo é a pesquisa de Mahony (1991) que se dedicou a obter e examinar anotações do processo histórico do tratamento do “Homem dos Ratos”. Mahony (1991) teve como objetivo realizar uma ligação entre a história de vida do paciente, o entendimento clínico de Freud e a sua narrativa do caso.

Cabe esclarecer que a apresentação dos textos nos capítulos terá como direção a exposição de conceitos conforme a necessidade de compreensão de aspectos presentes no caso clínico. A apresentação desse percurso se dificulta em alguns momentos, devido às várias interfaces entre os conceitos, ou seja, suas inter-relações, já que a teoria freudiana não é linear.

No início deste trabalho descreveremos um breve histórico do caso clínico do “Homem dos Ratos” com o objetivo de situar o leitor quanto às situações que elencamos como principais. No entanto, a leitura integral do caso é indicada para a melhor compreensão da discussão que será proposta.

Em seguida, apresentaremos a segunda parte do trabalho, “A questão do dinheiro no caso do “Homem dos Ratos” no contexto da primeira tópica freudiana”, quando discorreremos sobre as formulações de Freud acerca da neurose obsessiva e sobre o aparelho psíquico no âmbito da primeira tópica e teoria pulsional. Esse capítulo será dividido em dois subcapítulos. No primeiro, “Primeira tópica: leis do inconsciente, condensação e deslocamento” utilizaremos os textos: “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900), “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” (Freud, 1911) e “O Recalque” (1915) com o objetivo de situar a noção de aparelho psíquico na primeira tópica. Já no segundo subcapítulo “Primeira teoria pulsional: sexualidade e as fases pré-genitais” utilizaremos os textos: “Três ensaios sobre a sexualidade” (Freud, 1905), “Caráter e erotismo anal” (1908), “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” (1911), “A guisa de Introdução ao narcisismo” (1914) e “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal” (1917). Destacamos aqui três objetivos: a) situar a noção de sexualidade no âmbito da primeira tópica freudiana; b) descrever as primeiras formulações freudianas sobre a economia pulsional e as fases de organização libidinal fazendo um paralelo com situações do caso clínico e; c) estabelecer as relações entre erotismo anal, dinheiro e a tortura com os ratos, tais como apresentados no caso clínico em questão.

Após o primeiro capítulo, seguiremos com uma interpolação intitulada “A passagem da primeira para a segunda tópica: narcisismo e formação do Eu” com o objetivo de situar a transição teórica entre a primeira e a segunda tópica. Para tanto, utilizamos os textos: “A Guisa de Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914) e “Luto e Melancolia” (1917) para explicar o processo de constituição do Eu e problematizar a identificação do paciente com o pai.

O segundo capítulo, “A questão do dinheiro no caso do “Homem dos Ratos” no contexto da segunda tópica freudiana” consistirá na apresentação de conceitos fundamentais que auxiliem na compreensão do caso. Esse capítulo será subdividido em dois subcapítulos. O primeiro, “Reflexões sobre a compulsão a repetição e a segunda teoria pulsional”, tem objetivo de apresentar as modificações conceituais de Freud em relação às pulsões e relacionar tais conceitos com o caso clínico aqui estudado. “Além do princípio do prazer” (1920), “Recordar, repetir e elaborar” (1914) e “O problema econômico do masoquismo” (1924) foram os textos que serviram de base para esse subcapítulo.

No segundo subcapítulo, “Segunda tópica: possíveis relações entre a constituição do aparelho psíquico face à alteridade”, temos como objetivo problematizar acerca do Super-eu e o sentimento de culpa, para isso utilizaremos os seguintes textos: “Três ensaios sobre a sexualidade” (Freud, 1905), “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909), “Caráter e erotismo anal” (1908), “Totem e tabu” (1912), “A Guisa de Introdução ao Narcisismo” (1914), “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal” (1917), “Luto e Melancolia” (1917), “O Eu e o Id” (1923), “Dissolução do Complexo de Édipo” (1924), “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926) e “Conferência 31” (1933).

A exposição das modificações teóricas propostas por Freud quanto à organização do aparelho psíquico na segunda tópica é também um dos objetivos deste trabalho. Tais modificações conceituais possibilitaram compreender a equação simbólica “dinheiro-falo-pênis-fezes” para além das considerações singulares ao caso do “Homem dos Ratos” e permitiram-nos construir proposições mais generalizadas, relacionadas à distribuição da economia pulsional e circulação afetiva, pois o modo como cada pessoa emprega suas posses financeiras pode expressar simbolicamente essa equivalência. Ao longo desta pesquisa, é isso que pretendemos demonstrar.

2. APRESENTAÇÃO DO CASO “O HOMEM DOS RATOS”



ILUSTRAÇÃO 01- IMAGEM DE EDWARD FOX COMO “O HOMEM DOS RATOS”³

³ Cena do filme “The Rat Man” Filme/Documentário - O Homem dos Ratos (1973).

O texto “Observações sobre um caso de neurose obsessiva - O homem dos ratos” foi publicado no ano de 1909 e foi dividido em duas partes: “História clínica” e “Considerações teóricas”⁴. Neste texto, Freud demonstra que existe uma dificuldade em comunicar o caso sem ceder informações que possam levar à identificação do paciente. O autor faz um relato aproximado de cada sessão de forma a tentar demonstrar, ao leitor, a ordem do discurso do paciente. Gradativamente, Freud inclui novos detalhes e informações que evidenciam a complexidade de expor a narrativa de um processo analítico.

Como queixa inicial, o paciente relatou um sofrimento decorrente de ideias obsessivas que se intensificaram nos últimos quatro anos, embora tais ideias já estivessem presentes desde a sua infância. Além disso, apresentava um temor acentuado de que algo ruim ocorresse com seu pai e com a dama (mulher de sua admiração). Afirmava sentir impulsos obsessivos como, por exemplo, cortar a garganta com uma navalha e criava proibições com relação a coisas aparentemente sem valor, mas que na realidade tinham valor capital. Por exemplo, se punia por ter desejos homicidas e ciúmes, avaliava que não poderia ter tais sentimentos, se castigava.

Inicialmente o paciente priorizava em seu discurso as informações sobre sua vida sexual, pois era o que sabia sobre as teorias de Freud, embora não tivesse lido integralmente nenhuma obra do autor, ou seja, acreditava que estava ofertando a Freud algo “valioso”. Nesse momento, o autor explica ao paciente a regra da associação livre e este começa a descrever memórias relacionadas à sua sexualidade. Comenta sobre dois episódios envolvendo duas babás e também que aos seis anos tinha ereções e queixou-se para sua mãe. Nessa situação com a mãe, começou a imaginar que os pais adivinhavam o que ele pensava.

Quando tinha desejos sexuais relatava experimentar uma sensação inquietante de que algo aconteceria em consequência daqueles desejos, como por exemplo, a morte do pai. Dizia que, por essa razão, deveria fazer tudo para evitar que tal ideia se tornasse realidade. Esses pensamentos sobre a morte do pai estavam presentes desde sua infância e isso lhe causava muita tristeza. Freud

⁴ Na presente exposição priorizaremos a descrição da história do paciente baseada na tradução da editora Cia das Letras (2013).

supõe que antes dos 6/7 anos de idade, o paciente tenha vivido experiências e repressões que, como consequência, levaram-no ao temor obsessivo.

O paciente também descreveu a experiência que foi determinante para que ele buscasse o atendimento: a perda do⁵ pincenê. Segundo seu relato, havia perdido seu pincenê em uma ocasião em que estava realizando exercícios militares. Ao perceber o ocorrido, decidiu não parar o exercício para pegar o objeto e resolveu o caso com a solicitação de outro pincenê a um óptico em Viena. Após contar esse episódio, o paciente comenta que havia um oficial do exército (Tenente B) que gostava de crueldades e defendia a inserção de castigos corporais no exército. Nesse momento do relato, Freud percebeu uma hesitação do paciente em detalhar o castigo e o incentivou a explicar o castigo, mesmo diante de sua resistência. Durante esse relato ficou evidente que ele se incomodava com a ideia de que esse castigo poderia ocorrer com seu pai ou com a dama, e isso não se restringiria a acontecer somente na vida atual, mas também na eternidade.

Nessa mesma noite, o mesmo Tenente B lhe entregou um pacote que havia chegado pelo correio com o novo pincenê e disse que o paciente deveria pagar a dívida referente à taxa de reembolso ao Tenente A. Nesse contexto, o paciente criou uma sanção de que se não pagasse essa dívida ao Tenente A, o castigo dos ratos aconteceria com o pai e com a dama.

Após algumas tentativas frustradas de pagar a dívida, o paciente ficou perturbado em não poder cumprir o seu juramento e fez outro planejamento. Ele iria com os tenentes A e B ao correio, em que o tenente A daria 3,80 coroas à funcionária, esta daria para B e ele pagaria 3,80 coroas ao tenente A.

O paciente decidiu ir para Viena e dividiu com um amigo a situação da dívida, este o acalmou e o acompanhou até o correio para pagar 3,80 à agência. Nesse momento, Freud percebe que o paciente tinha omitido a existência de uma confiante funcionária do correio (próxima ao povoado de Z), nessa sessão o paciente afirma querer se livrar das ideias obsessivas.

Em outro momento, o paciente relatou a história clínica do pai que tinha falecido, devido a um enfisema, há nove anos. Disse que estava ausente quando o pai faleceu e sentiu recriminações em relação a este fato que inicialmente não eram

⁵ Óculos leves, sem hastes, que se fixam ao nariz pela pressão de uma mola. [F.: Do fr. *pince-nez*]. (GEIGER, 2011).

doloridas, mas depois de um ano e meio começaram a torturá-lo. Esse sofrimento começou a se manifestar após o velório de uma tia, fato que, por sua vez, teve como consequência a sua incapacitação para o trabalho.

Freud indaga, em uma das sessões, se a morte do pai seria um desejo, o paciente rejeita essa ideia. Mesmo diante dessa recusa o autor alerta que seria necessário rastrear a origem da ideia da morte do pai, já que o paciente relata que, seis meses antes deste fato, ocorreu-lhe novamente o pensamento que o pai morreria. Na ocasião, estava apaixonado por uma senhora, mas não podia se relacionar com ela devido a impedimentos materiais. Além disso, não queria que o pai deixasse a ele nenhuma herança, assim não teria nenhum benefício que compensasse sua perda.

A mesma ideia surgiu no dia anterior à morte do pai e o paciente se admirava com esses pensamentos, pois tinha certeza de que a morte do pai não era uma vontade sua. Na sequência, relata um ato que considerava delinquente envolvendo seu irmão menor: Antes dos oito anos de idade, em uma brincadeira teve a intenção de machucá-lo, mas não o fez. No entanto, ficou fora de si. Jogou-se no chão e indagou-se como poderia ter tido tal pensamento. Diante dessa lembrança, Freud (1909, p. 45) afirma: “Se ele conservou na memória um ato assim estranho a ele próprio, não pode contestar a possibilidade de numa época anterior ter feito algo semelhante contra o pai, algo de que não mais se lembra”.

Após a morte do pai, sua enfermidade piorou, ao que Freud enfatiza que era preciso pesquisar a origem da ideia obsessiva para identificar o contexto em que ela se repetia. O autor identifica uma situação de surgimento das ideias obsessivas: uma viagem da dama para visitar a avó e a origem de ideias de morte em relação à ela, seguidas por um pensamento de punição de si próprio pelos desejos homicidas. Outro exemplo é a ideia de emagrecer como autopunição por ter ciúmes do primo da dama.

Freud identifica uma similaridade nesses dois exemplos no que se refere à presença de uma raiva dirigida a alguém que possa atrapalhar o seu amor. Na mesma época em que tinha o objetivo de emagrecer teve várias atividades obsessivas, por exemplo, atividades protetoras, como no dia em que a dama partiu para uma viagem, o paciente tropeçou em uma pedra no meio da estrada e a afastou para o lado porque dali algumas horas o veículo no qual a dama estava

passaria por ali e talvez a pedra o danificasse. Em seguida, avaliou essa ação como um absurdo e colocou a pedra no mesmo lugar.

Freud problematiza a causa da doença e descreve aspectos referentes à mãe do paciente. Este comenta que em uma conversa com sua mãe, ela comunicou que havia conversado com alguns parentes de boa situação financeira sobre a possibilidade do paciente se casar com uma das filhas desses parentes. O plano da família despertou nele o conflito entre permanecer fiel à garota pobre que amava ou seguir as escolhas do pai e, assim, se casar com a garota rica.

Nesse momento se evidencia o conflito entre o seu amor e a vontade do pai. O paciente resolveu o conflito adoecendo, a principal consequência disso foi o afastamento do trabalho, que o fez adiar, por anos, os estudos. Em todo o relato, o falecido pai tem um papel importante no conflito do paciente, o pai seria um homem excelente, com bom humor e bondoso. O conflito seria caracterizado pela luta entre a vontade do pai e a inclinação amorosa do paciente.

Freud faz uma inferência e hipotetiza que o paciente, quando criança, foi punido pelo pai por se masturbar. Castigo que pôs fim à masturbação e que fixou no pai o papel de quem estragava o prazer sexual. A partir dessa hipótese de Freud, o paciente relata uma história que sua mãe lhe contou. Ele conta um episódio em que havia mordido uma babá e que, por essa razão, o pai tinha lhe batido. Nesse momento, o paciente responde ao pai com várias frases: “seu lâmpada”, “seu lenço” e “seu prato”. O pai ficou assustado e afirmou: “Esse menino será um grande homem ou um grande criminoso” (FREUD, 1909, p. 67).

Após o relato dessa cena, o paciente passou a sentir raiva do pai e continuava a dizer que não se lembrava dessa situação, somente por meio da transferência é que o paciente se convenceu de que sua relação com o pai exigia mais informações. Na sequência, ele começou a ter vários pensamentos, sonhos e devaneios em que insultava Freud e seus parentes, mas na presença do analista mantinha enorme respeito.

Após essa descrição, Freud faz um questionamento: por que as falas do capitão, a história dos ratos e a ansiedade pelo reembolso ao Tenente A haviam despertado tantas reações patológicas? Freud supõe que nessas situações haviam elementos que eram pontos mais sensíveis de seu inconsciente e que foram tocados por aquelas palavras. O autor comenta: “Ele se achava, como sempre lhe ocorria no

exército, numa inconsciente identificação com o pai, que servira durante muitos anos e contava histórias de seu tempo de soldado” (FREUD, 1909, p. 72).

A situação da dívida ocorreu com o pai de forma semelhante, pois ele havia emprestado dinheiro de um colega para sanar uma dívida de jogo e o paciente não sabia se o pai havia pago a dívida, assim, as palavras do tenente remeteram-no à essa situação.

No lugar em que se localizava a agência postal havia uma moça que se mostrava amável com o paciente e ele cogitava tentar uma aproximação no fim das manobras militares. Ela era filha de um estalajadeiro. No entanto, havia uma segunda moça, uma funcionária do correio no povoado Z que também era muito gentil com ele; nesse cenário o paciente poderia decidir para quem ele daria sua atenção.

A indecisão entre partir para Viena ou voltar ao local da agência do correio parecia ter relação com essas moças. Na sua consciência, a atração para o povoado de Z seria para cumprir com sua palavra, mas o objeto de sua vontade era a empregada do correio. O primeiro tenente era um substituto dela, e logo quando soube da mudança entre os dois tenentes poderia repetir com os oficiais sua hesitação quanto às moças.

Quanto à história dos ratos, em muitas formas do delírio obsessivo do paciente eles também significavam crianças. O autor buscou investigar as raízes desse novo significado. O paciente via no rato sua imagem antiga: “ser asqueroso, sujo, pequeno, que enraivecido podia morder e fora terrivelmente castigado por isso” (FREUD, 1909, p.78).

Podemos notar que na descrição do caso o autor indaga em vários momentos sobre o significado do conteúdo que o paciente apresenta em análise. Diante da leitura do caso, também nos perguntamos sobre alguns aspectos: Qual seria o lugar do dinheiro na família do “Homem dos Ratos”? Quais aspectos da economia psíquica do paciente se evidenciam no trato com o dinheiro? A mãe do paciente apresenta que tipo de influência no caso?

Com esse resumo do caso clínico em mente, podemos articular as situações nele presentes relacionando-as com a nossa questão de pesquisa. Nos próximos capítulos nos dedicaremos a expor os enlaces entre o caso e a teoria. Serão descritos os conceitos que facilitam a compreensão da dinâmica psíquica do paciente, assim como sua relação com o dinheiro. Além desta compreensão sobre o

“Homem dos Ratos” iremos propor indicações sobre o que ela nos permite compreender sobre a dinâmica psíquica num sentido mais amplo para além do “Homem dos Ratos”, - e mesmo que salvaguardada a relatividade do caso a caso - em relação à equação “dinheiro-falo-pênis-fezes”. Em outros termos, partindo da especificidade do caso, iremos propor reflexões e correlações potenciais entre a forma como cada pessoa, em sua singularidade, pode e/ou consegue (des)controlar e se (des)organizar financeiramente e a forma como opera seu dinamismo psíquico.

PRIMEIRO CAPÍTULO
- A QUESTÃO DO DINHEIRO NO CASO DO “HOMEM DOS RATOS” NO
CONTEXTO DA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA –



ILUSTRAÇÃO 02- ISMAEL NERY (1904-1989) – **A FIGURA.**⁶

⁶ Obra de 1927, exposto atualmente na Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – Brasil. Esta obra provoca inúmeras interpretações. Chamou-me atenção, principalmente, o momento gestacional que remete a pensar nas vivências primitivas, que se (re)atualizam na contemporaneidade da vida adulta.

No presente capítulo discorreremos sobre alguns conceitos fundamentais que foram publicados até o ano de 1917 e que estruturavam o raciocínio clínico de Sigmund Freud. Faremos esse percurso com o objetivo de articular elementos do caso clínico com nossa questão de pesquisa e com a teoria psicanalítica.

Ressaltamos que nosso interesse não consiste em buscar a realidade de todos os fatos sobre a vida do “Homem dos Ratos”, mas se necessário incluiremos informações históricas que nos parecem importantes para nossa reflexão e que não estejam publicados na tradução consultada⁷, estão disponíveis nas obras de Mezan (1998) e Mahony (1991).

⁷ A tradução consultada é da Editora Cia das Letras, publicada no ano de 2013.

3.1 Primeira tópica: leis do inconsciente, condensação e deslocamento.

Ao apresentar ao leitor um resumo sobre o caso do “Homem dos Ratos”, descrevemos algumas situações centrais expostas por Sigmund Freud. No início da exposição, Freud alerta que o caso clínico apresentava certa gravidade e identifica nele algumas características da neurose obsessiva, a saber: ambivalência afetiva, onipotência do pensamento mágico, a dúvida, a anulação, isolamento, ideias de morte, deslocamento, condensação e culpa inconsciente.

Podemos perceber que ao receber o paciente, Freud já havia edificado algumas noções sobre a sintomatologia da neurose obsessiva. Como afirma Mezan (1998), esses pressupostos teóricos se caracterizam como uma abordagem e uma forma de entender a patologia. Nesse contexto da obra, segundo Mezan (1998), a neurose obsessiva é considerada por Freud como uma variação da histeria, uma histeria sem conversão:

Esta visão contém, entre outras coisas, um certo ângulo de abordagem dos “transtornos neuropsicóticos”, como se dizia então. (...). Do ponto de vista que me interessa hoje, que é a teoria psicopatológica, o grande problema é o que acontece com a energia retirada pela repressão das ideias que se tornaram inconscientes. Se esta energia for de uma maneira ou de outra para o corpo, através de uma conversão, o resultado vai ser uma histeria. Se ela permanecer na esfera psíquica e se ligar a outras imagens, a outras representações, o resultado vai ser uma neurose obsessiva, e essas representações vão se tornar representações obsessivas. (...) Em suma, o resultado psicopatológico depende do mecanismo pelo qual a energia é deslocada. (MEZAN, 1998, p. 125/126).

Cabe pontuar que nesse momento da obra Freud também já havia alicerçado construções teóricas sobre o aparelho psíquico. Segundo esse aporte teórico, o aparelho psíquico seria dividido em duas grandes instâncias: Csc/Pcs (Consciente/Pré-consciente) e Ics (inconsciente). Tal organização caracteriza o que se designa, em psicanálise, a primeira tópica freudiana. Sobre o pré-consciente, o autor afirma que esse sistema guardaria um caráter de crítica, dirigindo nossas ações em vigília e situando-se na extremidade motora do aparelho. Os processos excitatórios que ocorrem nesse sistema teriam, portanto, mais facilidade em acessar a consciência do que aqueles provenientes do Sistema Ics. Também, o sistema Ics

estaria como que sobreposto pelo Pcs, assim, o sistema lcs só teria acesso ao Cs por meio do Pcs.

Descreveremos brevemente como Sigmund Freud chegou a essa construção teórica sobre a divisão do aparelho anímico. Os estudos do autor sobre a histeria e os sonhos culminaram na necessidade de estabelecer o conceito de Inconsciente e explicações acerca do funcionamento psíquico, que justificassem o que era evidenciado em sua clínica.

No período que data da elaboração do texto “A interpretação dos sonhos” (1900) é possível perceber que apesar de usar analogias que levam o leitor a imaginar os sistemas que compõem o aparelho psíquico, Freud esclarece que: “essas analogias visam apenas a nos assistir em nossa tentativa de tornar inteligíveis as complicações do funcionamento psíquico (...)” (FREUD, 1900, p.567). Esses sistemas são lugares psíquicos, e não lugares físicos, que apresentam relação constante e características peculiares:

Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. Na extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro, que abre as comportas da atividade motora. Os processos psíquicos, em geral, transcorrem da extremidade perceptual para a extremidade motora. (FREUD, 1900, p. 568).

Freud descreve, então, os sistemas que compõem o aparelho psíquico. Ele se utiliza da ideia de arco-reflexo, a qual pressupõe a existência de duas extremidades: a receptora (órgãos dos sentidos) e a motora. Nessa linha de raciocínio, Freud esclarece que há um conjunto de sistemas que visa à captação, distribuição e escoamento energético, por assim dizer, desde a extremidade perceptual até a extremidade motora. A questão que o autor se coloca é: como essa organização se estrutura?

Buscando verificar possíveis respostas a tal pergunta, Freud (1900) considera o sistema perceptivo como uma “parte frontal” do aparelho psíquico, parte que recebe os estímulos, mas não os retém em memória. O segundo sistema (Mnêmico) reserva as excitações do primeiro como traços permanentes, traços mnêmicos. Freud considera, então, que uma única excitação pode deixar marcas em vários registros mnêmicos, sendo que esses registros mnêmicos se relacionariam,

portanto, por associação.

Podemos notar que no caso do “Homem dos Ratos”, Freud hipotetizou que o paciente havia sofrido algum tipo de punição do pai antes dos seis anos de idade. O paciente afirmava que não se lembrava dessa situação, mas recordou que sua mãe lhe contou que quando criança ele havia mordido uma babá (a mãe não tinha certeza se era a babá ou outra pessoa) e foi punido pelo pai com agressão física. Tal experiência continuou a ter influência na vida do paciente até a vida adulta. Freud nos adverte, na seguinte citação, que o esquecimento de uma situação da infância pode indicar grande impacto de tal experiência sobre o aparelho psíquico:

O que descrevemos como nosso “caráter” baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões; e, além disso, as impressões que maior efeito causaram em nós - as de nossa primeira infância - são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes. Mas, quando as lembranças voltam a se tornar conscientes, não exibem nenhuma qualidade sensorial, ou mostram uma qualidade sensorial ínfima se comparadas às percepções. (FREUD, 1900, p.570).

Estas asserções nos interessam especialmente por evidenciar que essas primeiras percepções vivenciadas na primeira infância permanecem produzindo efeitos perenes em nosso funcionamento psíquico, mesmo que inconscientes. Em outras palavras, em termos de funcionamento psíquico, o passado se faz presente.

Durante o processo analítico, o “Homem dos Ratos” traz para Freud a descrição de um sonho que também demonstra essa atemporalidade dos processos psíquicos:

Ele vê minha filha à sua frente, mas ela tem duas bolas de excremento no lugar dos olhos. Para qualquer um que compreenda a linguagem dos sonhos a tradução é fácil: Ele não se casa com minha filha por seus belos olhos, mas por dinheiro. (FREUD, 1909, p. 61).

Podemos hipotetizar que neste sonho aparece um elemento atual, a filha de Freud, nos remetendo a um conflito passado, entre casar por amor ou por dinheiro, satisfazer o pai ou a sua própria inclinação amorosa. Tal sonho leva-nos a pensar sobre qual seria a posição do paciente frente ao dinheiro e também sobre a relação excremento - dinheiro. Uma marcação que remete ao movimento de “reter-expelir” que se institui na fase sádico-anal da organização libidinal, que será descrita mais adiante.

Freud acrescenta que os sonhos nos levam ao sistema Inconsciente e se caracterizam pela realização de um desejo. Sobre isso, aliás, Freud descreve três tipos de origens para esses desejos: 1) desejo inconsciente pode ser despertado durante o dia por razões externas e não é satisfeito na vigília, então ele fica pendente para a noite; 2) pode surgir durante o dia e ser afastado, suprimido, e; 3) pode não se relacionar com a vida de vigília, são os desejos que emergem da parte suprimida e se tornam ativos (FREUD, 1900). Também, esses desejos são “imortais”, por assim dizer, e exercem constante pressão para sua expressão.

Freud intensifica, portanto, sua reflexão sobre o mecanismo do recalque, pois nota que tais desejos se mantêm recalcados. O recalque, nesse momento de construção teórica freudiana, seria concebido como uma barreira divisória entre o sistema pré-consciente e inconsciente. Sobre essa divisão, Freud afirma:

(...) o desejo que é representado num sonho tem de ser um desejo infantil. No caso dos adultos, ele se origina do lcs; no caso das crianças, onde ainda não há divisão ou censura entre o Pcs. e o lcs., ou onde essa divisão se está apenas instituindo gradualmente, trata-se de um desejo não realizado e não recalcado da vida de vigília. (FREUD, 1900, p.582).

Os sonhos sinalizam, portanto, a existência de uma divisão presente no aparelho psíquico, bem como a existência de um Sistema Inconsciente. Tal sistema é composto por representações investidas por impulsos pulsionais que são coordenadas, coexistem e não se contradizem entre si. As quantidades de investimento são móveis e por meio do processo de deslocamento, uma ideia pode ceder à outra a sua quantidade de investimento. Enquanto que pelo processo de condensação, o investimento pode ser acolhido por várias intensidades de investimento, mas também há ausência de contradição e mobilidade de investimentos. Os processos inconscientes são atemporais e não consideram a realidade porque são regidos pelo princípio do prazer

Em uma determinada situação em sua análise, o “Homem dos Ratos” descreve que durante uma reza queria dizer “Deus a proteja” e bruscamente aparecia um não no meio da frase. Ao perceber essa frase, se deu conta de que estava realizando uma maldição, no entanto, apenas quando esse “não” surgia é que ele parava de rezar, caso contrário não parava. Até descobrir esse método, o paciente testava todas as possíveis formas de impedir a entrada do “não”, seja

acelerando a oração ou abreviando-a. Freud (1909, p.105) sinaliza que nenhuma dessas estratégias teve bons frutos e afirma: “(...) se o impulso amoroso pode realizar algo em seu deslocamento para uma ação mínima, logo o impulso hostil o segue também ali, e novamente anula a sua obra”. Disso, podemos nos perguntar: como é possível um “não” aparecer, como que por magia ou maldição, no meio de sua reza? Como que uma ideia, contida na reza é simultaneamente negada pelo próprio agente da ação? Após enunciar tais perguntas, avaliamos que a concepção do processo de deslocamento contida na construção teórica freudiana pode nos auxiliar a avançar nesta problemática.

Nesse sentido, faz-se necessário discorrer brevemente acerca de como Freud pensava, à época, o funcionamento psíquico, especificamente em relação à questão do deslocamento. Tal mecanismo contribui para que o sofrimento e os pensamentos obsessivos pareçam algo irracional e sem sentido para uma pessoa leiga. Sobre alguns efeitos do processo de deslocamento de afetos e conteúdos das representações, o autor nos informa:

Quando um histérico fica surpreso por ter-se assustado com algo banal ou quando um homem que sofre de obsessões fica surpreso ante as auto-recriminações tão aflitivas que decorrem de um nada, ambos se equivocam, pois consideram o conteúdo de representações - a banalidade ou o nada - como sendo o essencial; e travam uma luta inglória, por tomarem esse conteúdo de representações como o ponto de partida de sua atividade de pensamento. A psicanálise pode colocá-los na trilha certa ao reconhecer o afeto como sendo, pelo contrário, justificado, e ao procurar a representação que corresponde a ele, mas que foi recalcada e trocada por um substituto. (FREUD, 1900, p. 494).

Consequentemente, há uma justificativa para a ocorrência de tal sintomatologia, que consiste em uma troca, em que o afeto se liga a outra representação.

Na descrição do caso do “Homem dos Ratos”, o autor exemplifica esse tipo de deslocamento por meio de outro caso clínico em que o pagamento das sessões foi motivo de alerta:

Chamou-me a atenção o fato de ele sempre me dar, como pagamento das sessões, cédulas de florins perfeitamente lisas e limpas. (Naquele tempo não havia moedas de prata na Áustria). Quando, um dia, fiz a observação de que se podia reconhecer um

funcionário do governo pelos florins novos que recebia da Caixa Estatal, ele me disse que as cédulas não eram novas, haviam sido passadas a ferro (alisadas) em sua casa. Para ele era questão de consciência não entregar cédulas sujas a alguém, pois nelas se achavam perigosas bactérias que poderiam ser nocivas à pessoa. Naquele tempo eu começava a perceber vagamente a relação entre as neuroses e a vida sexual, e ousei perguntar ao paciente, num outro dia, como estava a dele. “Oh, tudo em ordem”, afirmou simplesmente, “não posso me queixar. Faço o papel de um tio velho e querido em muitas casas de boas famílias, valendo-me disso para de vez em quando chamar uma garota para um passeio no campo. Então arranjo as coisas de modo que perdemos o trem e somos obrigados a passar a noite em um albergue. Sempre peço dois quartos, sou bastante cavalheiro; mas quando a garota está na cama vou lá e a masturbo com os dedos.” – Mas você não teme fazer-lhe mal, tocando nos genitais dela com a mão suja? – Ele então se irritou: “Mal? Como isso pode lhe fazer mal? Nenhuma delas foi prejudicada. Algumas já estão casadas, e isso não as prejudicou...” – O paciente levou a mal minha objeção e nunca mais voltou. (FREUD, 1909, p. 59).

Freud observa uma distância entre os cuidados com que o paciente tratava o dinheiro e sua desconsideração em relação ao abuso que cometia quanto às garotas. Esse contraste é explicado pelo autor como um deslocamento do afeto recriminador, ou seja, se o afeto estivesse dirigido ao lugar certo, o paciente precisaria abdicar de uma satisfação sexual.

Em 1907, quando Freud recebe o “Homem dos Ratos” em seu consultório, ainda não havia publicado um estudo mais aprofundado sobre o mecanismo de recalque, como vimos acima. É interessante indicar um apontamento realizado pelo tradutor, Hanns (2008), que identificou que no item F), Causa imediata da doença, Freud já descrevia o mecanismo do “recalque” na neurose obsessiva comparando-o com a histeria, como podemos identificar na seguinte citação:

A regra, na histeria, é que os motivos recentes para a enfermidade sucumbam à amnésia, tal como as vivências infantis que os ajudam a transformar sua energia afetiva em sintomas. Quando não é possível um completo esquecimento, ainda assim a amnésia corrói o ensejo traumático recente, roubando-lhe ao menos seus componentes mais significativos. Em tal amnésia enxergamos a prova da repressão ocorrida. Na neurose obsessiva sucede normalmente de outra forma. Os pressupostos infantis da neurose podem ter cedido a uma amnésia- frequentemente incompleta; mas as ocasiões recentes para o adoecimento se acham preservadas na memória. Aí a repressão utilizou-se de um outro mecanismo, mais simples, na verdade; em vez de esquecer o trauma, subtraiu-lhe o investimento afetivo de modo que na consciência resta apenas um

conteúdo ideativo indiferente, tido por insignificante. (FREUD, 1909, p. 17).

Podemos perceber que Freud define que quando ocorre o recalque ocorre também um movimento quanto à ideia, na neurose obsessiva há um deslocamento do investimento afetivo, já na histeria há a retirada completa da ideia da consciência.

No ano de 1915, Freud publicou o texto “O Recalque”, no qual realizou uma investigação mais minuciosa sobre esse mecanismo e incluiu novas informações. Ao se pautar na experiência clínica, o autor descreve o recalque da seguinte maneira:

(...) a pulsão que está submetida ao recalque poderia ter sido satisfeita e que tal satisfação seria, em si, sempre prazerosa; porém ela seria incompatível com outras experiências e propósitos, e, desse modo acabaria por gerar prazer em um lugar e desprazer em outro. Então, uma condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz a partir da satisfação pulsional, o prazer. (FREUD, 1915, p. 178).

O mecanismo de recalque é uma possibilidade de destino da pulsão. Para que ele ocorra é necessária a existência da divisão entre consciente e inconsciente, portanto não está presente desde a origem do aparelho psíquico e sua função seria manter afastado da consciência tudo o que gera desprazer a esse sistema.

O recalque dispende força do aparelho psíquico para sua manutenção, ou seja, há um gasto de força para manter o processo. Neste texto faz-se evidente que Freud tenta descrever a pulsão a partir de seus dois representantes: ideia e afeto. Sendo a ideia o representante pulsional e o afeto algo como a “energia” vinculada ao representante ideativo. Na seguinte citação, fica claro que Freud divide a pulsão em um lado “qualitativo” (representação/ideia) e um lado “quantitativo” (afeto):

No que tange a representação, podemos afirmar que, se a representação que representa a pulsão antes era consciente, seu destino mais provável será desaparecer do consciente, se a representação estava prestes a se tornar consciente, seu destino será ser mantida afastada da consciência. (...). Quanto ao fator quantitativo do representante pulsional pode ter três destinos. Basta uma simples mirada no conjunto das experiências da psicanálise para constatar: a pulsão pode ser totalmente reprimida, de maneira que nada mais dela seja encontrada, ou surge como afeto com determinado colorido qualitativo, ou, ainda é transformada em medo. (FREUD, 1915, p. 183).

No caso do “Homem dos Ratos”, o paciente afirmava que não se lembrava da situação em que havia mordido uma babá, quando era uma criança. No entanto, mesmo com o esquecimento dessa situação, ela parecia se caracterizar como origem do pensamento obsessivo de que algo ruim deveria acontecer ao pai.

Vale ressaltar que o processo de recalque foi deduzido por Freud a partir de seus efeitos e dessa forma alguns tipos de mecanismos de defesa específicos presentes na histeria de angústia, na histeria de conversão e na neurose obsessiva-compulsiva foram enumerados. Iremos focar no mecanismo que ocorre na neurose obsessiva-compulsiva porque tal recorte pode contribuir em nossa reflexão sobre o caso do “Homem dos Ratos”.

Freud situa que inicialmente tem dúvidas sobre qual é o representante que está submetido ao recalque na neurose obsessiva: trata-se de um anseio hostil ou libidinal? Essa incerteza se justifica por um processo que ocorre na neurose obsessiva, a regressão do componente libidinal. Nela, um anseio sádico entra no lugar de um anseio amoroso, determinando que o impulso hostil quanto à pessoa amada seja recalcado. Freud explica o mecanismo na seguinte citação:

O efeito, numa primeira fase do trabalho de recalque, é bem diferente do que se verifica em uma fase posterior. De início, o recalque tem sucesso absoluto, o conteúdo da representação é rechaçado e o afeto acaba desaparecendo. Como formação substitutiva ocorre uma alteração no Eu e um aumento da conscienciosidade que não podemos propriamente designar como sintoma. Aqui formação substitutiva e formação de sintoma não coincidem. Também nesse caso aprende-se algo a respeito do mecanismo de recalque. Como em todos os outros casos, o recalque efetuou uma retirada da libido, mas agora se utilizou da formação reativa para esse fim, intensificando seu oposto. A formação substitutiva emprega, portanto, nesse caso, o mesmo mecanismo que o recalque e basicamente coincide com ele, porém se distingue temporal e conceitualmente da formação de sintoma. É muito provável que a condição que viabiliza todo o processo seja exatamente a relação de ambivalência, na qual ocorre a inserção do impulso sádico a ser recalcado. (FREUD, 1915, p.185-186).

No entanto, esse recalque bem-sucedido não se mantém porque o afeto pode retornar como medo social ou medo da sua própria consciência moral, por exemplo. Já a representação rechaçada é substituída por algo menor por meio de um deslocamento. A seguir Freud destaca algumas consequências desse processo:

O fracasso do fator quantitativo afetivo, que ocorre no recalque põe em jogo o mesmo mecanismo de fuga por evitações e proibições (...). A representação, todavia, é rechaçada do consciente mantida obstinadamente afastada, pois com esse afastamento se logra o travamento motor do impulso, um impedimento da ação. Assim, o trabalho da neurose compulsiva resulta numa luta sem êxito nem fim. (FREUD, 1915, p. 186).

No caso do “Homem dos Ratos” há uma luta sem êxito e sem fim quanto às suas ideias obsessivas, pois elas mantêm o conflito e contribuem para uma paralisia da ação.

A seguinte síntese realizada por Freud esclarece um pouco mais sobre os pontos aqui abordados quanto ao aparelho psíquico, retomando a ideia de arco-reflexo anteriormente destacada em nosso estudo:

Algumas hipóteses cuja justificação deve ser buscada de outras maneiras dizem-nos que, a princípio, os esforços do aparelho tinham o sentido de mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível; conseqüentemente, sua primeira estrutura seguia o projeto de um aparelho reflexo, de modo que qualquer excitação sensorial que incidisse nele podia ser prontamente descarregada por uma via motora. Mas, as exigências da vida interferem nessa função simples, e é também a elas que o aparelho deve o ímpeto para seu desenvolvimento posterior. (...) As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga no movimento, que pode ser descrito como uma “modificação interna” ou uma “expressão emocional” (FREUD, 1900, p. 594).

Freud, então, destaca que o aparelho psíquico humano busca a diminuição de estímulos vindos de excitações, havendo uma tentativa de se manter livre destes. O aumento da excitação é, portanto, vivido como desprazer e a satisfação coincide com a diminuição da excitação. Freud defende que a busca de satisfação decorrente da redução de estímulos aponta para o desejo. O desejo então colocaria o aparelho em ação e esse movimento seria regulado pelas sensações de prazer e desprazer. Nesse sentido, a frase “o sonho é uma realização de desejo” se justifica se considerarmos que o sonho se forma com o objetivo de prolongar o sono e reduzir o impacto de estímulos internos e externos que poderiam promover o acordar.

Freud (1900) propõe então que o princípio regulador do aparelho psíquico é o princípio do prazer/desprazer. Com relação a este princípio, há uma tendência no aparelho psíquico em afastar imagens mnêmicas que provocariam algum tipo de desprazer: “Essa evitação de lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva,

feita sem esforço e com regularidade pelo processo psíquico, fornece-nos o protótipo e o primeiro exemplo do *recalcamento psíquico*.” (FREUD, 1900, p.626).

No ano de 1911, Freud publicou o texto “Formulações sobre dois princípios do acontecer psíquico”, no qual aponta que além desse princípio existe o princípio da realidade, pois há uma interferência de uma realidade externa sobre o aparelho psíquico. Assim que Freud atribuiu importância a essa realidade, identificou que era necessário dar ênfase ao estudo da consciência e dos órgãos sensoriais por possuírem papel relevante nessa ligação entre mundo interno e mundo externo.

Outras modificações no aparelho ocorrem com relação ao recalque e a via motora. O recalque que excluía as representações mentais que pudessem gerar desprazer pode ser substituído por uma avaliação de juízo, em que se avalia e decide se uma representação está em harmonia com a realidade. Para essa avaliação há uma comparação entre a realidade e os traços de lembrança consequentes da realidade. Sob a tendência do princípio de prazer, a via motora tinha como objetivo o alívio da carga excessiva de estímulos e utilizava as inervações interiores do corpo, como por exemplo, na exteriorização de emoções. Essa via motora passou a uma nova função, que seria a de modificar a realidade por meio de um agir.

A possibilidade de postergar essa retirada de estímulos pela via do agir constrói-se a partir do processo de pensar. Freud (1911, p. 67) define que o “(...) pensar é, em essência, um agir por ensaios deslocando pequenas quantidades de cargas de investimento em condições em que há um menor dispêndio (remoção) delas.” Inicialmente, o pensar possivelmente era inconsciente, foi necessário que houvesse a fixação, processo em que as cargas de investimento livres foram transformadas em fixas, para que adquirisse qualidades sensíveis à consciência.

No entanto, há um tipo de atividade do pensar que não foi afastada pelo princípio da realidade, o fantasiar, que ficou submetido apenas ao princípio do prazer. O “fantasiar” inicia-se já na infância, pode ser observado nas brincadeiras e mais tarde é demonstrável no exercício do “devanear”, algo que dispensa o apoio em objetos reais.

Os processos de modificação do princípio de prazer para o princípio da realidade não ocorrem de uma única vez e Freud (1911) reafirma:

Por se tratar de uma apresentação esquemática, condensei aqui uma única frase todo o processo de substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade, com todas as consequências psíquicas que dela resultam, mas na verdade essa substituição não ocorre de uma só vez, nem em toda a extensão da psique (FREUD, 1911, p. 67).

Quando ocorre a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade, ao invés de se obter um prazer momentâneo se posterga a satisfação para um prazer garantido. Enquanto esse processo ocorre com as pulsões do Eu, as pulsões sexuais se desligam destas. Freud frisa que essa troca não atinge todas as dimensões do aparelho psíquico e um exemplo disso são as pulsões sexuais, pois elas buscam uma satisfação no próprio corpo, de forma auto erótica. Nesse sentido, elas não encontram impedimentos a essa satisfação que tornem presentes, por exemplo, o princípio da realidade.

Nesse momento de sua obra, Freud enfatiza que existem pontos a serem investigados em relação a esses dois processos e quanto aos motivos que fazem com que o princípio do prazer ceda ao princípio da realidade.

Com essas constatações apresentadas, torna-se um pouco mais clara, e justificada, a centralidade dada por Freud ao princípio de prazer/desprazer e ao princípio da realidade. Nesse sentido, faz-se necessário compreendermos a relação entre o princípio prazer/desprazer e a sexualidade humana, que será abordada no próximo subcapítulo.

Cabe ressaltar também, em resumo, que com o estudo sobre os sonhos e a histeria pudemos notar que além de precisar conceituar em termos teóricos o sistema Inconsciente, Freud assevera que, em termos psíquicos, nada é ultrapassado ou esquecido. Tal estudo levou o autor a esclarecer fatores implicados na dinâmica psíquica humana, constatações estas que o endereçaram à elaboração de sua concepção acerca da sexualidade humana - como veremos no próximo subcapítulo. Com isso, ao fazermos tal consideração, somos, portanto, levados a concluir que a forma atual com a qual uma pessoa consegue estabelecer relações consigo mesma, com os outros e com seus objetos de investimentos (aqui, inclusive no âmbito monetário) pode evidenciar como ela se organizou e organiza seu “mundo interno”⁸.

⁸ Este termo aparece no texto “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), em que Freud relata que inicialmente o bebê não se diferencia do mundo externo. Essa diferenciação se estabelece de forma

gradual a partir da influência do princípio do prazer/desprazer que mediará à relação entre o Eu e seus objetos.

3.2 Primeira teoria pulsional: sexualidade e as fases pré-genitais.

Logo no início da exposição do caso do “Homem dos Ratos”, Freud destaca que o paciente priorizava assuntos relacionados à sexualidade nas primeiras sessões. Mesmo após Freud explicar ao paciente que ele deveria falar sem priorizar assuntos, o paciente volta a falar sobre sexualidade. O que torna evidente a importância desse aspecto em relação ao conflito do paciente entre satisfazer seus anseios libidinais ou satisfazer a expectativa de seus pais.

Por essa razão, nesse subcapítulo temos como objetivo compreender a centralidade dessa noção no caso e para isso recorreremos ao texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), em que Freud se atém mais especificamente ao estudo da sexualidade humana, uma vez que o questionamento sobre a etiologia das psiconeuroses o levou a realizar tal trajeto investigativo.

Para compreendermos esse percurso teórico é necessário apontar para o conceito de pulsão que Freud edifica para expor noções sobre a sexualidade. Nesse momento de sua obra, o autor define o termo pulsão da seguinte forma:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas *fontes* somáticas e seus *alvos*. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (FREUD, 1905, p.159).

Conforme o conhecimento popular e científico desenvolvido à época freudiana, a sexualidade estaria ausente na infância e se expressaria somente na adolescência, na busca pelo encontro sexual. Nessa concepção, o objeto sexual seria uma pessoa do sexo oposto e seu objetivo a reprodução possibilitada pelo encontro entre os genitais de um homem e de uma mulher. Freud questiona essas noções sobre a sexualidade por observar várias práticas sexuais que não se enquadram nesse modelo explicativo e destaca as noções de objeto sexual e de

alvo (objetivo) sexual para iniciar sua argumentação:

Introduzamos aqui dois termos: chamemos de *objeto sexual* a pessoa de quem provém a atração sexual, e de *alvo sexual* a ação para a qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa. (FREUD, 1905, p. 128).

Ao que tudo indica, a expressão “suposta norma”, utilizada por Freud, se refere a padrões de normalidade existentes naquele contexto social, tal como destacamos acima. Com referência a essa “norma”, Freud expõe alguns tipos de desvios presentes na relação entre objeto sexual e alvo sexual e, a partir desse estudo, chega a algumas constatações.

A partir da investigação sobre a sexualidade humana, Freud constatou que a ligação entre a pulsão sexual e seu objeto não possui um vínculo rígido, ou seja, permite diversificações. Sobre isso vejamos uma citação de Freud:

A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (FREUD, 1905, p.140).

Essa maleabilidade da pulsão sexual quanto ao objeto é expressa em alguns exemplos, como no grupo de pedófilos e também no grupo de alguns camponeses que tomam animais como objetos sexuais. A partir desse último grupo, Freud ressalta essa característica da pulsão sexual:

Ainda assim, é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energicamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos. Uma observação similar é válida quanto à relação sexual com animais, que não é nada rara, sobretudo entre os camponeses, e onde a atração sexual parece ultrapassar a barreira da espécie. (FREUD, 1905, p.140).

A partir do reconhecimento de algumas características da pulsão sexual, Freud investiga como se dá o processo de desenvolvimento desta pulsão.

Em um primeiro momento do desenvolvimento, as pulsões não estão conjugadas, somente posteriormente elas se centram para um objetivo. Sobre isso, Freud (1905, p.220) pondera: “Na infância, portanto, a pulsão sexual *não está centrada* e é, a princípio, desprovida de objeto, ou seja, é *auto erótica*.”⁹

Na tentativa de elucidar esse processo de desenvolvimento da sexualidade, Freud nomeia, de forma hipotética¹⁰, uma sequência de fases que antecede a organização genital.

A primeira fase é a organização pré-genital oral, em que a zona oral tem maior influência diante de outras partes do corpo. Nela, o alvo sexual (objetivo) é obter satisfação/prazer por meio da incorporação de objeto, modelo que continuará a influenciar no futuro. Além dessa consequência, Freud escreve:

Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar¹¹, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo. (FREUD, 1905, p.187).

Como podemos perceber a atividade do chuchar evidencia a busca pelo prazer para além da necessidade de alimentação. Sobre esse aspecto, Freud nos diz:

A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. (FREUD, 1905, p.171).

Esse circuito em busca do prazer nos ensina que, em um primeiro momento, a atividade sexual se vincula com necessidades relacionadas com a preservação da

⁹ Vale informar que esse termo “auto erótica” será explicado na “Interpolação”, página 49.

¹⁰ Trata-se de um procedimento “didático”, por assim dizer, ao qual Freud recorreu para tentar explicar e justificar o que observou da condição humana em sua clínica.

¹¹ A atividade do “chuchar” é uma movimentação física que pode ocorrer inicialmente na região oral durante a amamentação. No entanto, mesmo fora do contexto da amamentação, a criança repete a movimentação do chuchar na busca pelo prazer. Sobre esse aspecto, Freud afirma: Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa (FREUD, 1905, p. 171).

vida.

Na segunda fase, denominada como anal-sádica, a zona anal tende a ter maior predominância diante de outras áreas, pois possui grande excitabilidade. Desde cedo, algumas crianças percebem essa propriedade, ao reter as fezes. Essa retenção produz sensações de dor e também de prazer e indica a forma de relação estabelecida entre a criança e seu cuidador, pois a criança igualmente percebe que tanto a retenção quanto a expulsão das fezes alegram ou entristecem o cuidador. Indicando que essa fase de organização libidinal estabelece o campo de controle sobre as satisfações de si e dos outros. Vejamos uma citação de Freud sobre esses aspectos:

A retenção da massa fecal, a princípio intencionalmente praticada para tirar proveito da estimulação como que masturbatória da zona anal, ou para ser empregada na relação com as pessoas que cuidam da criança, é, aliás, uma das raízes da constipação tão freqüente nos neuropatas. Além disso, o sentido pleno da zona anal espelha-se no fato de se encontrarem muito poucos neuróticos que não tenham seus rituais escatológicos especiais, suas cerimônias e coisas similares, por eles cuidadosamente mantidos em segredo. (FREUD, 1905, p.176).

Ou seja, existem efeitos dessa estimulação no futuro e a forma como se lida com as fezes pode indicar uma forma de se relacionar com as pessoas afetivamente importantes. Também, nesta fase, ocorre um modo específico da manifestação da atividade e passividade na vida sexual. Aqui, ao que tudo indica, Freud utiliza o termo “atividade” como uma produção da pulsão de dominação por meio da musculatura do corpo e “passividade” como o órgão do alvo passivo, que seria a mucosa erógena do intestino. Ao mesmo tempo em que ocorre esse processo, pulsões parciais são satisfeitas de maneira auto erótica.

No ano de 1908, Freud volta a publicar sobre a fase anal no texto intitulado: “Caráter e Erotismo Anal”. Segundo o editor Strachey, Freud foi instigado a publicar esse texto por conta do caso do “Homem dos Ratos”

Inicialmente o autor problematiza três características encontradas em pacientes obsessivos, são elas: a ordem, a parcimônia e a obstinação. O autor também se questiona sobre a relação entre essas características e o desaparecimento do erotismo anal, hipotetiza que os traços de personalidade encontrados sejam produtos da sublimação do erotismo anal e afirma: “A limpeza, a

ordem e a fidedignidade dão exatamente a impressão de uma formação reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo” (FREUD, 1908, p. 162).

Nove anos depois desse texto Freud publica o texto “As transformações dos instintos em particular no erotismo anal”, em que problematiza alguns efeitos do erotismo anal posteriores à organização genital. O autor frisa que sua exposição é resultante de observações da clínica e propõe contribuições sobre o assunto.

Para iniciar sua argumentação, Freud afirma que:

(...) nas produções do inconsciente - pensamentos espontâneos, fantasias e sintomas - as noções de fezes (dinheiro e presente), criança e pênis são dificilmente separadas e facilmente confundidas (...). Repitamos, de forma menos passível de objeção, que esses elementos são com frequência tratados, no inconsciente, como se equivalessem uns aos outros e pudessem livremente substituir uns aos outros. (FREUD, 1917, p.190).

Ao explicar essa frase, Freud destaca que o interesse inicial de uma criança com relação às suas fezes é dirigido posteriormente para o interesse por presentes e depois para o dinheiro.

Ao tentar estabelecer como se dá essa troca de elementos, Freud recorre à infância. O autor afirma que quando ocorre a percepção da existência do pênis, nasce na menina o que foi denominado pelo autor como “inveja do pênis”, que depois se torna o desejo por um homem como o portador de um pênis. O desejo de ter um pênis pode transformar-se em desejo de ter um filho, ou ao contrário. Nos meninos há uma diferença, pois assim que eles percebem a ausência do pênis na mulher tal órgão é considerado como algo destacável do corpo e ganha associação com as fezes. Freud nos diz:

Todos os três, a coluna de cocô, o pênis e a criança, são corpos sólidos, que excitam um canal de membrana mucosa (o reto e a vagina, esta como que “arrendada” dele, na boa expressão de Lou Andreas-Salomé), com sua penetração ou retirada. (FREUD, 1917, p. 195).

Nesse momento teórico, como podemos observar, Freud realizou reflexões iniciais sobre as transformações que ocorrem com o erotismo anal.

Após detalhar tais aspectos sobre a fase oral e anal-sádica, é possível

pensarmos sobre possíveis relações entre essas fases e a ideia do castigo dos ratos¹². De acordo com Freud, a figura do pai aparece em meio ao sentido dado aos ratos. Tal hipótese nos permite associar o rato a um representante da oralidade, no sentido do paciente “ser o pai”, já que o pai também serviu ao exército:

(...) podia vê-los como símbolos do medo da infecção sífilítica, tão justificado no exército – medo que envolvia toda espécie de dúvidas sobre o modo de vida de seu pai durante o serviço militar. Em outro sentido, o pênis mesmo era transmissor da sífilis, de forma que o rato se tornava um membro sexual, e por outro título podia também ser visto como tal. O pênis, em especial o do bebê, pode ser comparado a um verme, e na história do capitão os ratos se revolviam no ânus de alguém, tal como as lombrigas quando ele era pequeno. Assim, o significado de pênis assumido pelos ratos baseava-se igualmente no erotismo oral. (FREUD, 1909, p. 76).

De acordo com a citação acima, Freud situa o erotismo oral na significação do rato como pênis, assim, desse modo podemos hipotetizar que ambos entrariam pelo ânus, resultando assim em uma “incorporação” de rato e pênis.

Em outra citação, os “ratos” passaram a significar também dinheiro, nesse sentido o paciente criou a “moeda de rato”. Este fato nos faz indagar sobre a ligação entre essa moeda e o complexo dos interesses ligados à herança de seu pai. Podemos também inferir que não é o rato em si que está em jogo, mas, sim, outra coisa. Uma questão pertinente é: por qual razão seria difícil para o paciente ver seu pai como um devedor de jogo? Ou ele mesmo como devedor? Observemos abaixo, o trecho em que Freud descreve esses pontos:

Assim os ratos vieram a significar “dinheiro”, nexos que ele mostrou na associação de Raten [prestações] com Ratten [ratos]. Em seus delírios obsessivos ele havia criado uma verdadeira “moeda de rato”. Por exemplo, quando me perguntou e eu lhe informei o custo de uma sessão de tratamento, isto significou, para ele, como me disse seis meses depois: **tantos florins, tantos ratos**. Gradualmente ele transpôs para essa linguagem todo o complexo dos interesses financeiros ligados à herança do pai, isto é, todas as ideias a isso relacionadas foram inscritas no âmbito obsessivo através da ponte verbal Raten-Ratten e submetidas ao inconsciente. Além disso, esta significação monetária dos ratos apoiava-se na advertência do capitão para que ele restituísse o dinheiro da encomenda, com a ajuda da ponte verbal Spielratte, que remetia ao fracasso do pai no jogo. (FREUD, 1909, p. 75, o grifo é nosso).

¹² Tal ideia afetou vários aspectos da história do paciente. Para Mezan (1998, p. 133): “(...) a história dos ratos é central porque forma o núcleo em torno do qual o conjunto da patologia se estruturou”.

Ao que tudo indica, o paciente construiu praticamente um novo vocabulário cheio de enigmas, pelos quais Freud buscou vias de interpretação.

Ao falar sobre a relação com a prostituição neste caso, outra significação dos ratos é apresentada pelo autor:

O rato é, além disso, um animal sujo, que se alimenta de excrementos e vive em esgotos. Não é preciso dizer como o delírio dos ratos pôde se ampliar, em virtude dessa nova significação. “Tantos ratos, tantos florins”, por exemplo, podia ser a caracterização exata de uma profissão feminina que ele odiava. Por outro lado, não é irrelevante que a substituição do pênis pelo rato, na história do capitão, resultasse numa situação de coito *per anum*, que devia ser especialmente revoltante para o paciente, quando relacionada ao pai e à mulher que amava. (FREUD, 1909, p. 76).

O autor nos indica que há na fala do paciente uma nova associação entre os ratos, pênis e o dinheiro com a prostituição (o sexo). Na sequência, em outra sessão, o paciente incluiu um novo significado: os ratos também significariam crianças. Observemos no trecho a seguir:

Certa vez, numa visita ao túmulo do pai, ele vira um animal que acreditou ser um rato, passando rapidamente. Imaginou que ele estivesse saindo do túmulo do pai, tendo acabado de fazer uma refeição em seu cadáver. É inseparável da ideia que temos do rato de que ele rói e morde com seus dentes afiados. Mas, o rato não é mordaz, voraz e sujo impunemente; como o paciente constatara, horrorizado, ele é cruelmente perseguido e implacavelmente liquidado. (...) E ele próprio fora um ser assim asqueroso, sujo, pequeno, que enraivecido podia morder e fora terrivelmente castigado por isso. Ele realmente podia ver no rato sua “imagem viva”. É como se o destino lhe lançasse, na história do capitão, uma “palavra-estímulo” de complexo e ele não deixou de reagir a ela com a ideia obsessiva. (FREUD, 1909, p. 77/78).

Esse novo sentido inclui o paciente como criança na associação, pois na infância ele havia mordido uma babá e levado uma surra de seu pai. Estava furioso e xingou o pai com nomes de objetos, ao que o pai exclamou a frase: “Esse menino será um grande homem ou um grande bandido!”. Freud indica que elementos passados se reatualizaram na tortura dos ratos e a correspondência seria, então, a seguinte: O capitão, defensor dos castigos corporais, assumiria o lugar do pai do paciente, o rato significaria o dinheiro e a dívida e, além disso, essa relação se evidenciava pela ponte verbal que o paciente dizia: “Tantos florins, tantos ratos”.

Os significados referentes aos ratos podem ser organizados na forma de uma equivalência simbólica: ratos – fezes – dinheiro – pênis – sexo - criança. Cada um desses elementos representa uma quantidade de prazer e desprazer envolvida, pois dão acesso a uma quantia de satisfação e insatisfação.

Após descrever e realizar associações entre as fases pré-genitais (oral e anal) e o caso clínico, podemos identificar a fase fálica¹³ como a terceira fase pré-genital de desenvolvimento. No texto “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), Freud anuncia essa fase em uma nota de rodapé incluída em 1924 e afirma:

(...) esta, (a fase fálica) que já merece o nome de genital, exhibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto, mas se diferencia num aspecto essencial da organização definitiva da maturidade sexual. E que conhece apenas um tipo de genitália: a masculina. Por isso, denominei-a de estágio fálico da organização. (FREUD, 1905, p. 188).

Mais adiante pretendemos incluir outros elementos teóricos que o autor veio a desenvolver sobre a fase fálica, já na segunda tópica.

Depois da fase fálica ocorre o período de latência que, de acordo com Freud, acontece aproximadamente depois dos cinco anos de idade e caracteriza-se por um período em que a energia sexual é investida em outros objetivos, diferentes, em termos, dos sexuais:

Neste, a produção de excitação sexual de modo algum é suspensa, mas continua e oferece uma provisão de energia que é empregada, em sua maior parte, para outras finalidades que não as sexuais, ou seja, de um lado, para contribuir com os componentes sexuais para os sentimentos sociais, e de outro (através do relacionamento e da formação reativa), para construir as barreiras posteriores contra a sexualidade. (FREUD, 1905, p.219).

Durante a chegada da puberdade podem ocorrer mudanças que levem a vida sexual infantil à uma configuração definitiva em que, com a união das pulsões parciais, objetiva-se não apenas prazer, mas também a procriação como Freud explicita no seguinte trecho:

Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução

¹³ Abordaremos mais detalhes sobre essa fase no próximo capítulo na página 74, pois é uma fase importantíssima no caso clínico apresentado.

todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. (FREUD, 1905, p.196).

Cabe ressaltarmos que as organizações pré-genitais continuam a influenciar o psiquismo, pois não são fases superáveis completamente, ou seja, elas continuam a interferir em processos futuros. A tentativa de separação entre as fases é somente didática, pois na realidade elas se sobrepõem.

Vale lembrar que, na conceituação freudiana sobre o funcionamento psíquico humano, diversas formulações foram revistas e modificadas. Em outros termos, conforme avançava em sua clínica e em suas reflexões, Freud, ao tentar estabelecer funções, identificar componentes e possíveis “divisões e partes” constituintes do aparelho psíquico, precisou constantemente revisitar antigos postulados, alterando-os e/ou os tornando mais complexos.

Como vimos no texto “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900) já considerava o princípio do prazer/desprazer como fundamento que norteia o funcionamento psíquico. Vimos também que onze anos após a publicação da “A interpretação dos sonhos”, em 1911, no texto “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, Freud avançou no estudo sobre as implicações do princípio do prazer no funcionamento psíquico humano, ponderando mais detidamente sobre as possíveis relações dinâmicas deste com o princípio da realidade.

Na busca em definir as pulsões mais originárias, Freud decidiu pautar-se na clássica divisão fome *versus* amor - pulsões do Eu *versus* pulsões sexuais - para embasar seus estudos sobre a dimensão econômica vigente no aparelho psíquico, sendo essa a divisão que embasa sua primeira teoria pulsional.

A diferença entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu demarca que o ser humano possui uma dupla existência, uma que busca seus próprios fins de conservação da vida e outra que lhe move involuntariamente e até contra a sua própria vontade. Conflito que Freud expõe mais detalhadamente no ano de 1914, no texto “A guisa de Introdução ao narcisismo”, no seguinte trecho:

Ele (o indivíduo) imagina que a sexualidade seja uma de suas metas pessoais, mas de outro ponto de vista, podemos considerar o indivíduo como apenas um apêndice de seu próprio plasma germinal, plasma cuja disposição ele coloca suas energias em troca de um

prêmio de prazer. Ele, o indivíduo, é o veículo mortal de uma substância, talvez imortal, em uma posição análoga à do filho primogênito que, ao herdar do pai uma propriedade inalienável, se torna apenas o proprietário temporário dentro de uma instituição jurídica, a herança por primogenitura, que continua a sobreviver a ele de geração em geração. (FREUD, 1914, p. 101).

Freud adverte que a teoria da libido se apoia inicialmente na biologia para depois se assentar em bases psíquicas. Quando o autor define a libido como uma energia sexual, identifica que há uma dificuldade em estruturar soluções definitivas sobre as pulsões, mas reitera o argumento que manterá a oposição entre as pulsões do Eu e pulsões sexuais.

Uma das manifestações da sexualidade infantil é o autoerotismo, ao que tudo indica o termo autoerotismo se refere a uma fase de organização da sexualidade, em que ainda não houve essa convergência das pulsões parciais para um objeto comum e a pulsão sexual se satisfaz no próprio corpo. Como exemplo, poderíamos citar o “chuchar” que surge a partir de uma necessidade de alimentação, mas depois ocorre para obtenção de prazer. Nesse tipo de atividade o objeto parcial¹⁴ seria uma zona erógena, parte da pele ou da mucosa que pode gerar sensações de prazer.

O autoerotismo e o período de latência¹⁵ contribuem para que as pulsões sexuais levem mais tempo para entrar em contato com impedimentos que instaurem o princípio da realidade e por essa razão permanecem um longo período sob o domínio do princípio do prazer.

Ao considerarmos todas as informações expostas nesse subcapítulo podemos perceber que as novas formulações de Freud sobre a sexualidade se diferenciaram da opinião popular presente no contexto a que o autor estava inserido e trouxeram uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento sexual. Freud propõe um afastamento da noção de perversão - entendida como “desvio” da “sexualidade normal” - e insere a perspectiva de que a própria sexualidade é perversa e polimorfa. Ou seja, nessa ótica, a patologia e a normalidade são pensadas a partir da

¹⁴ Vale ressaltar que no autoerotismo a criança ainda não tem um objeto sexual, ou seja, a pulsão não se direciona a um objeto externo. Nesse sentido é importante relativizar a noção de mundo interno e mundo externo, pois essa separação não está posta desde o início da vida, e sendo algo tão primitivo é difícil a descrição desse momento em que não há separação.

¹⁵ O período de latência foi definido por Freud (1905) como um processo que ocorre entre o quinto ano de idade e a puberdade. Neste, a pulsão sexual sofre sublimação e a sexualidade tem sua atividade diminuída, pode ocorrer de forma total ou parcial, pois podem existir pulsões sexuais que manteriam atividade sexual. A sublimação ocorre com objetivo de adiar a função reprodutiva para o período em que há maturidade genital.

dinâmica, fortalecimento, interação e/ou enfraquecimento das diferentes forças que atuam no psiquismo.

A partir desse percurso inicial, pudemos investigar as relações entre a pulsão sexual e seus objetos e, nesse sentido é também essencial compreender a formação do Eu e sua função nessas relações.

A incipiente conceituação sobre o narcisismo marca um ponto de virada e de avanço das investigações freudianas sobre o funcionamento psíquico, por essa razão nos parece importante descrever as questões apontadas por Freud a partir do estudo que o autor empreendeu sobre o processo de constituição do Eu e relacioná-los ao caso do “Homem dos Ratos”. É importante frisar que o conceito de narcisismo e formação do Eu não pertencem totalmente à primeira tópica, embora sejam elaborações concernentes à ela. No entanto, também não se aplicam completamente à segunda tópica. É possível situá-los como se estivessem em uma posição de transição entre uma tópica e outra, construções teóricas que serão expostas na seguinte interpolação.

INTERPOLAÇÃO
–A PASSAGEM DA PRIMEIRA PARA A SEGUNDA TÓPICA: NARCISISMO E
FORMAÇÃO DO EU –



ILUSTRAÇÃO 03- ISMAEL NERY (1900-1934) – **COMPOSIÇÃO SURREALISTA** (1928)¹⁶

¹⁶ Obra de Ismael Nery, atualmente faz parte de uma coleção particular. A obra retrata rostos e corpos, o que remete à importância da relação com a exterioridade para a constituição da instância psíquica "Eu".

Nessa interpolação temos como objetivo descrever os conceitos que fazem parte de um período transitório entre a primeira e a segunda tópica. Vale ressaltar que neste período, a instância psíquica Eu já não é identificada à consciência, e aparece em sua mais frágil instabilidade, como um somatório provisório do corpo despedaçado relativo ao autoerotismo. Razão pela qual a angústia anuncia que o despedaçamento pode novamente ocorrer. Além desses aspectos que demonstram a fragilidade do Eu, a teoria pulsional já não se encaixa no dualismo 'pulsões do Eu e pulsões de vida'. No entanto, ainda não apresenta sua face mais derradeira de pulsões vida e pulsões de morte, embora questões relativas à destrutividade e à inércia já se façam presentes no texto sobre o narcisismo (1914). Portanto, podemos notar que as elaborações teóricas advindas da primeira tópica contribuíram para que Freud construísse suas argumentações futuras quanto à segunda tópica.

Com esses pressupostos em mente, é possível descrever essa transição teórica desenvolvida por Freud de forma mais detalhada. Após três anos do texto "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico", em 1914, Freud publica o texto "A Guisa de Introdução ao Narcisismo", em que discute o lugar do narcisismo no desenvolvimento sexual, com ênfase nas relações estabelecidas entre o Eu, os objetos internos e os externos. Freud define que o narcisismo seria componente do desenvolvimento sexual, uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetual. Também, o narcisismo estaria presente em todas as pessoas e não se restringiria somente às perversões¹⁷.

Ao explicar o desenvolvimento sexual, Freud ressalta que as pulsões autoeróticas estão presentes desde o início da vida do indivíduo e que o "Eu" precisa ser construído. O desenvolvimento do Eu e o narcisismo parecem resultar de uma ação psíquica somada ao autoerotismo. Sobre essa passagem, Freud relata que: "(...) é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo primário " (FREUD, 1914, p. 99).

¹⁷ Na seguinte passagem, Freud descreve como os "sexólogos" de sua época concebem o narcisismo como prática perversa, em que os comportamentos denotam o uso do próprio corpo como objeto sexual e tais comportamentos absorveram a vida sexual da pessoa: "A pessoa contempla o próprio corpo, acaricia-o, cobre-o de carinhos e se compraz sexualmente até conseguir satisfazer-se plenamente por meio desses manejos." (FREUD, 1914, p.97). Freud se posiciona de forma distinta e afirmará que o narcisismo constitui uma etapa da organização sexual relativa à construção do Eu e suas instâncias ideais.

Com o desenvolvimento, a potência de Eu (momento anterior ao Eu) passa a se afastar do narcisismo primário, termo que designa uma fase em que o investimento libidinal da criança se volta para ela mesma, e posteriormente o Eu passa a investir nos objetos externos. A partir destes investimentos em objetos externos é possível diferenciar a libido e as pulsões do Eu. Freud afirma que originalmente o Eu é investido de libido e que uma parte dessa libido é repassada a objetos externos, destacando, no entanto, que esse repasse nunca é total, ou seja, mesmo com o investimento em objetos do mundo externo uma parte dessa libido se mantém investida no Eu.

Quando a libido retira esse investimento nos objetos externos ocorre um retorno desta ao Eu, processo que Freud nomeou como narcisismo secundário e que explica na seguinte citação:

A libido retirada do mundo exterior foi redirecionada ao Eu, dando origem a um comportamento que podemos chamar de narcisismo (...). Assim, esse narcisismo que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos, pode ser concebido como um narcisismo secundário. (FREUD, 1914, p. 98).

A constatação de que a libido pode se movimentar em direção ao mundo externo e recolher-se novamente ao Eu contribuiu para que Freud estabelecesse uma diferença entre libido objetual e libido do Eu. Assim, a libido do Eu é investida no próprio Eu e a libido objetual designa investimento sobre objetos externos. Vale esclarecer que não se trata de duas libidos, mas de “uma mesma libido” que se movimenta e se distribui.

Essa teorização sobre a libido foi inserida por Freud em um cenário teórico composto por um conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, o que institui um impasse teórico quanto ao grande grupo das pulsões sexuais, pois nessa perspectiva o Eu pode ser objeto de si mesmo, ou seja, a pulsão sexual pode investir o Eu. Assim, o autor estrutura o conceito do narcisismo na tentativa de explicar essas duas proposições.

Freud propõe que o amor que foi vivenciado pelo Eu na infância se direciona ao Eu-ideal. O Eu-ideal passa a ser repleto de toda a perfeição e completude, desta forma o narcisismo aparece de forma deslocada. Exatamente nesta linha de raciocínio. Podemos hipotetizar, que no caso do “Homem dos Ratos” havia esse ideal de completude, pois o paciente pensava em se casar por dinheiro, com o

objetivo de satisfazer expectativas de seu pai e de sua mãe. Observemos na citação abaixo, aspectos que Freud descreve da história do casamento dos pais do paciente:

Agora devo abordar mais a fundo a causa imediata da doença. A mãe do paciente fora educada, como parente distante, por uma rica família detentora de uma enorme empresa industrial. Ao desposá-la, seu pai entrou para os quadros dessa indústria, chegando a uma boa situação graças ao casamento, portanto. O filho soubera, por gracejos entre os pais (que viviam um ótimo casamento), que o pai fizera a corte a uma bela garota de família modesta, antes de conhecer a mãe. Essa é a história preliminar. Após o falecimento do pai, a mãe comunicou ao filho, um dia, que havia falado de seu futuro com os parentes abastados, e um dos primos se declarara disposto a oferecer-lhes uma das filhas, quando ele terminasse os estudos. A ligação com a firma lhe abriria excelentes perspectivas na profissão. (FREUD, 1909, p.59/60).

No início dessa citação, Freud parece evidenciar a causa da doença do paciente nessa situação que envolveu o dinheiro e a escolha amorosa,¹⁸ tal conflito consistia em seguir a escolha do pai ou se manter fiel à mulher pobre que amava, e diante desse impasse, o paciente adoeceu. A enfermidade impossibilitou o paciente de trabalhar e adiou a conclusão dos estudos. Nesse sentido, nos parece que essa realidade e a impossibilidade de satisfazer os pais colocam o paciente em um lugar de incompletude, por assim dizer.

Podemos notar que a formação do Ideal-de-Eu pode advir, inicialmente, da influência das exigências de cuidadores da criança. Logo, o Ideal-de-Eu é composto tanto de uma parcela individual, como também social. Mais tarde são incluídas neste processo as exigências advindas de professores, educadores e várias outras opiniões de uma parcela social. Essa influência é transmitida pela voz e é tutelada pela consciência moral, instância que teria como função avaliar as ações do Eu em comparação com o Ideal-de-Eu, já o Eu-ideal seria referência ao Eu, um modelo.

Sobre a formação da consciência moral e a externalidade de opiniões, Freud (1914, p. 114) pontua: “A consciência moral se apresenta de um modo regredido perante a pessoa, como se fosse uma intrusão hostil oriunda do mundo externo”.

Freud ressalta que o desenvolvimento do Eu é um processo em que há um distanciamento quanto ao narcisismo primário, ao mesmo tempo em que há um

¹⁸ Mahony (1991) afirma que o pai do paciente havia casado mais por dinheiro do que por amor.

anseio por recuperá-lo. Vejamos a seguinte citação de Freud (1914, p. 117): "Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu, que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal".

No caso clínico do "Homem nos Ratos", como afirmamos acima, pai e mãe tinham exigências quanto à conduta quando criança e, quanto à escolha amorosa do paciente na vida adulta. Podemos hipotetizar, como já anunciado, que o paciente relata um conflito sobre a satisfação desse ideal. Faz-se então necessário incluir o conceito de identificação nesta discussão, pois Freud hipotetiza que essa hesitação por escolher um casamento por dinheiro se fundava também em uma identificação com o pai do paciente.

No texto "A interpretação dos sonhos", que data 1900, Freud buscou descrever o que denominou como identificação. Nesse momento inicial de teorização sobre esse conceito, o autor cita o "sonho da bela açougueira" e situa o conceito de identificação o diferenciando de uma imitação:

A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos. Ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não apenas suas próprias experiências, como também as de um grande número de outras pessoas: permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça (...). Assim, a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente. (FREUD, 1900, p.183/184).

A identificação, em outras palavras, é caracterizada por uma apropriação e demonstra um desejo inconsciente de ser como alguém do próprio convívio social.

No texto "Luto e Melancolia", publicado no ano de 1917, Freud descreve, a partir do estudo do luto e da melancolia¹⁹ mais detalhes sobre as partes componentes do Eu e a sua relação com os objetos. O autor destaca a tomada libidinal do próprio Eu como objeto e situa o conceito de identificação como pertencente ao processo de desenvolvimentos dos investimentos libidinais:

¹⁹ A melancolia é um quadro patológico que produz no Eu ameaça e desorganização, Freud ressalta que em consequência de uma perda, o Eu tem uma reação que o autor define como anormal.

(...) a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma - e uma forma expressa de maneira ambivalente - pela qual o Eu escolhe um objeto. O Eu deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o. (FREUD, 1917, p. 255).

O conceito de identificação se mostra, portanto, central na compreensão da fase oral e da formação do Eu, pois faz pensar nas bases que possibilitam as relações de objeto, como podemos notar na seguinte citação:

Se o amor pelo objeto - um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja - se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que vimos examinando. (FREUD, 1917, p. 256).

Ou seja, o Eu trata a si mesmo como um objeto e pode voltar contra si a hostilidade que seria direcionada a objetos externos. No caso do “Homem dos Ratos”, uma situação que evidencia esse movimento ocorreu quando a dama viajou e ficou mais próxima de um primo de quem o paciente tinha ciúmes, este se submeteu a uma espécie de sacrifício do emagrecimento. Toda a raiva que sentia da dama pareceu ter sido direcionada para si. Logo, vale ratificar, a forma como lidamos com determinado objeto pode expressar nosso mundo interno.

As autoacusações presentes na melancolia são deslocamentos ao próprio Eu característica que dará sustentação a futuras formulações freudianas sobre o Super-eu²⁰:

Vemos como nele uma parte do Eu se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto. Nossa desconfiança de que o agente crítico, que aqui se separa do Eu, talvez também revele sua independência em outras circunstâncias,

²⁰ O termo “Super-eu” se refere à segunda tópica, que será desenvolvido na página 75. Nesse contexto teórico, já aparecem as “raízes do Super-eu” em termos das questões do Eu-Ideal, Ideal-de-Eu, instância crítica, moralidade, auto-observação, autotortura, censura e moral. O caso do “Homem dos Ratos” masoquismo moral que é, em linhas gerais, uma relação de conflito e agressão do Super-eu para o Eu.

será confirmada ao longo de toda a observação ulterior. Realmente, encontraremos fundamentos para distinguir esse agente do restante do Eu. Aqui, estamos nos familiarizando com o agente comumente denominado 'consciência'; vamos incluí-lo, juntamente com a censura da consciência e do teste da realidade, entre as principais instituições do Eu, e poderemos provar que ela pode ficar doente por sua própria causa. (FREUD, 1917, p. 253).

Por meio do estudo da melancolia e dos estados de luto, Freud mostra como o Eu se modifica a partir da sua relação com os objetos, ou seja, o Eu não é uma unidade constante e inabalável. Podemos hipotetizar que há um paradoxo entre interno/externo de suma importância, já que no caso do dinheiro, por exemplo, a forma como lidamos com esse “objeto” supostamente externo pode dizer muito sobre a forma como se dá nossa “internalidade”, nosso funcionamento psíquico, nossa economia psíquica.

Podemos explicitar, no caso do “Homem dos Ratos”, que sua economia psíquica aparece em várias situações. Em uma delas o paciente precisava pagar a dívida, mas não se tratava da dívida do dinheiro e sim de uma dívida de outra ordem, o que demonstra que o dinheiro parece abranger uma complexidade de sentidos, significados e usos não muito claros em uma primeira observação.

Após situarmos a definição da identificação e também realizarmos apontamentos sobre sua relação com a formação do Eu, exploraremos brevemente a identificação do paciente com o pai. Vale, portanto, avançar um pouco mais. O pai do “Homem dos Ratos” serviu ao exército durante vários anos e sempre contava histórias dessa época. Uma delas dizia respeito à uma dívida:

Certa vez, o pai havia perdido algum dinheiro num jogo de cartas (era um Spielratte) (“rato de jogo”), e estaria em apuros, se um camarada não lhe adiantasse a quantia. Depois que deixou o exército e alcançou a prosperidade, buscou o colega que o ajudara, a fim de lhe devolver o dinheiro, mas não o encontrou. O paciente não estava seguro de que a devolução tivesse ocorrido. A lembrança desse pecado juvenil do pai lhe era penosa, pois seu inconsciente abrigava hostis objeções ao caráter do pai. As palavras do capitão: “Você tem que restituir 3,80 coroas ao primeiro tenente A.”, pareciam-lhe uma alusão a dívida não saldada do pai. (FREUD, 1909, p. 72).

Materialmente, essa dívida se referia ao pincenê que o paciente havia encomendado, no entanto, é possível hipotetizar que essa dívida remetia a outra

dívida, a dívida do pai ou a dívida do paciente com o pai²¹. Outro ponto de identificação com o pai se refere à outra dimensão nessa história da dívida. No lugar em que havia a agência postal tinha uma moça²² que se mostrava bastante amável com o paciente e era filha do estalajadeiro, já no correio havia uma funcionária que também era gentil com o paciente. Assim como seu pai na situação do casamento, o paciente poderia escolher sobre qual ele poderia ter sua atenção.

Com esses pressupostos em mente, podemos avançar quanto ao nosso interesse nesse estudo. Para isso, avaliamos que seja importante citarmos fielmente a transcrição da primeira sessão do paciente:

1º de outubro de 1907-terça-feira

O Dr. Lanzer, 29 anos e meio, sofre de obsessões, particularmente intensas desde 1903, porém datando de sua infância. Conteúdo principal: o medo que algo aconteça a duas pessoas que ele ama muito, seu pai e sua dama que ele venera. Além disso, impulsos obsessivos, por exemplo cortar a garganta com uma navalha, e proibições vinculadas a coisas indiferentes. Durante seus estudos, ele perdeu anos lutando contra suas idéias, e por essa razão só recentemente se tornou estagiário no tribunal [esse homem de 29 anos e meio, já deveria ter acabado a faculdade há um certo tempo, RM]. Em sua atividade profissional, essas idéias aparecem somente quando se trata de direito penal [que em alemão tem um conteúdo mais concreto: diz-se *Strafrecht Strafen* é castigar, *Recht* é o direito; *Strafrecht* é o direito do castigo. Portanto a história do castigo já está presente desde aqui, RM]. Diz também sofrer de impulsos a fazer mal à dama venerada, impulso que na maior parte do tempo se cala quando ela está presente, mas aparece ou se manifesta quando ela está ausente. Porém, estar longe dela (ela habita em Viena) sempre lhe faz bem. Entre os tratamentos já tentados, nenhum foi de proveito, exceto uma hidroterapia em Munique que lhe fez muito bem, precisamente porque lhe permitiu estabelecer uma ligação que o conduziu a manter relações sexuais regulares. Aqui em Viena ele não tem ocasiões desse tipo, só relações muito raras e irregulares, quando por acaso alguma coisa se apresenta. Quando as prostitutas, elas o enojam. Sua vida sexual foi muito pobre, a masturbação, só desempenhou um papel muito reduzido, em torno dos 16 ou 17 anos. Potência normal, primeiro coito aos 26 anos. Ele dá a impressão de um espírito claro e sagaz. **Depois de eu lhe ter indicado minhas condições, diz que precisa falar com sua mãe, volta no dia seguinte e aceita [grifo nosso].** (MEZAN, 1998, P. 133/134).

²¹ Essa dívida com o pai auxiliará, igualmente, a abordar a questão do Super-eu, a culpa inconsciente e a necessidade de punição, provenientes da dívida simbólica jamais suficientemente paga pelos neuróticos obsessivos. Conceitos que serão abordados no segundo capítulo, item 5.2, a partir da página 75.

²² Esse trecho já foi apresentado se apresenta na descrição do caso, na página 21, contudo, consideramos pertinente repeti-lo, buscando tornar mais fácil ao leitor as associações e reflexões agora propostas.

Sobre a última frase grifada, que aparece no fim da primeira sessão e que foi omitida na tradução da Cia das Letras, vale explicitar que Mezan (1998) supõe que a retirada dessa informação sobre a mãe do paciente se deve ao recorte que Freud decidiu fazer do caso. Já Mahony (1991) hipotetiza que uma justificativa para essa supressão seria manter o sigilo de informações que pudessem levar à identificação do paciente, no entanto, avalia que a explicação é insuficiente. O autor afirma que outra hipótese se refere ao momento histórico em que Freud escreve o caso, pois nesse período era comum a exclusão da mãe nos escritos, ou seja, essa era uma característica cultural. Pois, nas anotações originais Mahony (1991) contabilizou o mesmo número delas quanto à mãe e ao pai do paciente.

Mesmo com este recorte, a importância da mãe no processo analítico não deve ser menosprezada, afinal era a mãe do paciente que decidiria se o filho iria ou não dar continuidade à análise, pois era ela quem controlava as finanças da família. Aqui há uma indicação interessante quanto ao “valor” dessa mulher, isto é, o que a torna valorosa não são seus “dotes” subjetivos, mas sim os “financeiros”. Para Mezan (1998) esse papel da mãe é fundamental e afirma:

A mãe autoriza, por assim dizer, a análise, e a sombra dela paira sobre essas páginas. Curiosamente, ela foi expurgada na sua quase totalidade do caso publicado; lendo-o, mal se imaginaria que esse paciente teve uma mãe. Fala-se da dama, do pai e de outras coisas, mas a figura da mãe não tem muita importância na exposição definitiva de Freud. (MEZAN, 1998, p. 149/150).

Para Mahony (1991), esse papel era extremamente dominador²³ quanto à vida do paciente, em outras palavras, tal domínio da mãe não se referia somente ao âmbito monetário.

Notamos que o dinheiro parece significar domínio e poder nessa família, aspectos da realidade que exigem do paciente um posicionamento, diante do que, o paciente se paralisa.

Também pudemos notar que, com o desenvolvimento teórico, Freud passou a descrever de forma mais detalhada a comunicação entre os sistemas que compõe o aparelho.

²³ Mahony (1991, p. 51/52) hipotetiza se a mãe pode ter decidido pelo fim da análise do paciente. Para o autor, a mãe exigia um papel inibidor na vida do paciente e define na seguinte citação: “a Sra. Lanzer permaneceu uma mãe ameaçadora, fálica e arcaica.”. A partir dessa observação podemos pensar na noção de Complexo de Édipo que será mais explorada na página 73 deste trabalho.

Por meio da argumentação de Freud, podemos perceber que a questão da identificação abordada acima indica que na fase oral há uma parcela de agressividade que precisa ser levada em consideração quanto ao entendimento da questão pulsional. Ou seja, a agressividade na fase oral-canibalesca indica que a destrutividade é primária e não consequente de uma frustração imposta pela inserção do princípio da realidade. Sendo assim, a ambivalência presente na fase oral e a questão da identificação são alguns aspectos que caracterizam a transição para futuras e importantes postulações acerca da pulsão de morte – conceito que será abordado no próximo capítulo.

Também podemos compreender que o Eu é formado na relação com a exterioridade e é investido de libido. Mas, se o Eu também é investido de libido, é um objeto da pulsão sexual. Assim, ao ponderar que o próprio Eu é objeto de investimento libidinal, como já apontamos anteriormente, Freud viu-se obrigado a avançar na investigação da formação do Eu e sobre a própria divisão entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, o que abriu caminho para que Freud verificasse a existência de uma dualidade pulsional ainda mais originária, por assim dizer. Chegamos, pois, ao desenvolvimento da segunda teoria pulsional e da segunda tópica freudiana, pontos centrais na sequência argumentativa deste trabalho e que nos permitirão avançar na relação já anunciada entre dinheiro e dinâmica psíquica.

SEGUNDO CAPÍTULO
– A QUESTÃO DO DINHEIRO NO CASO DO “HOMEM DOS RATOS” NO
CONTEXTO DA SEGUNDA TÓPICA FREUDIANA. –

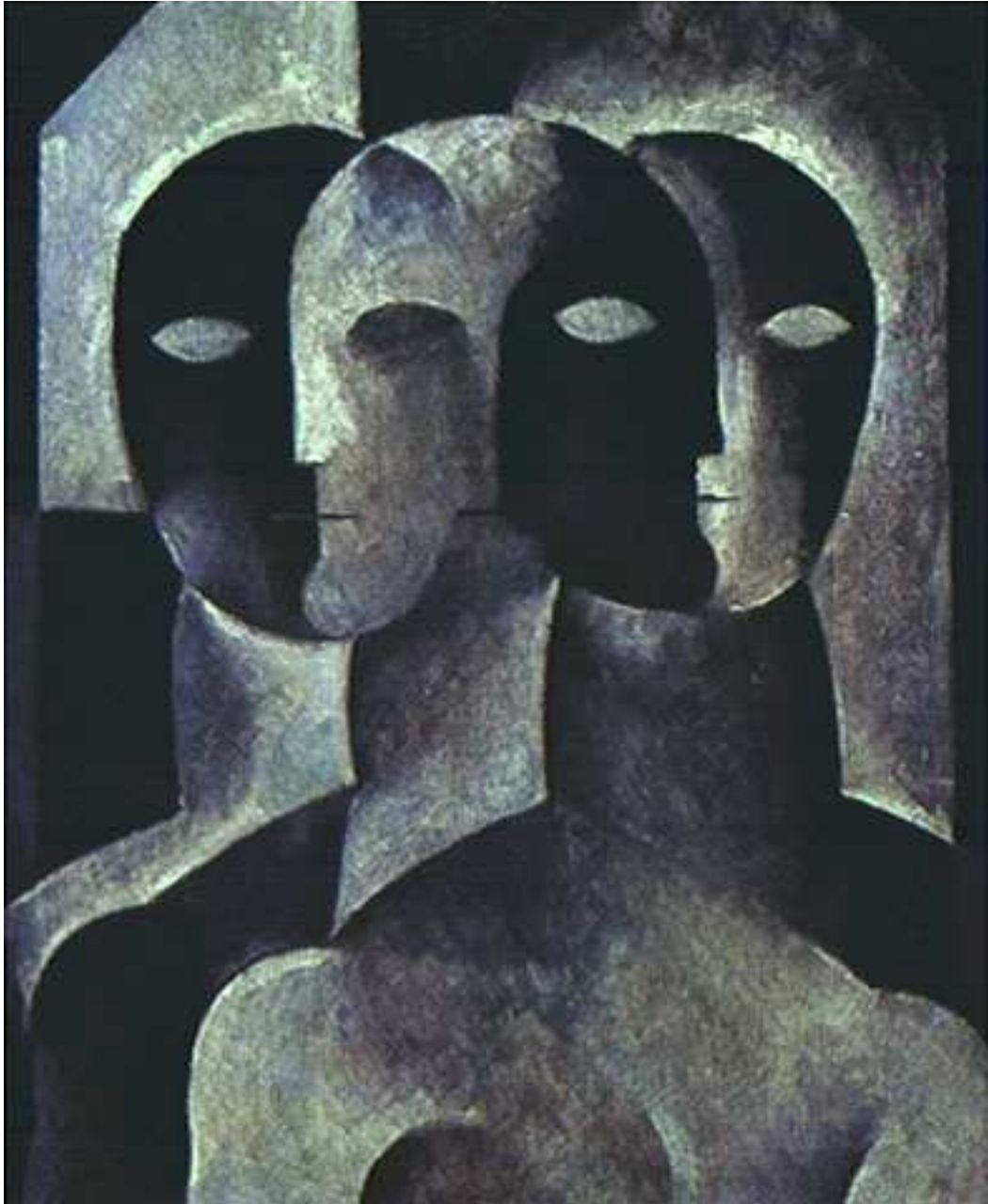


ILUSTRAÇÃO 04- ISMAEL NERY (1900-1934) - O LUAR (DOIS IRMÃOS)²⁴

²⁴ Obra de Ismael Nery, um brasileiro que faleceu precocemente. Suas obras foram reconhecidas após sua morte. Na imagem, é possível visualizar vários rostos que se misturam em um só. Sobreposição que, sugerimos, pode ser relacionada ao conceito de identificação que será trabalhado no próximo capítulo.

Após o tratamento do “Homem dos Ratos”, Freud continuou a realizar modificações e a construir sua teoria. Nos textos publicados após o ano de 1920, ele inclui novas características quanto ao aparelho psíquico, a economia psíquica e a construção edípica. No presente capítulo, temos como objetivo recorrer a conceitos que foram produzidos na segunda tópica e que nos auxilie a ampliar nossa compreensão sobre as situações que se apresentaram no caso do “Homem dos Ratos”. Também, este capítulo se destina à articulação entre a segunda tópica freudiana e nossa pergunta de pesquisa.

5.1 Reflexões sobre a compulsão à repetição e a segunda teoria pulsional.

Como já observamos, Freud precisou reavaliar sua teoria pulsional e construir novas perspectivas. Esse subcapítulo tem como objetivo propiciar a reflexão em termos da segunda teoria pulsional, no que pode contribuir no entendimento sobre a economia psíquica do paciente e nos auxiliar a avançar em nosso tema de pesquisa.

Em contextos diferentes, no caso do “Homem dos Ratos” apresenta-se a repetição da posição, assumida pelo paciente, de “estar sempre em dívida”, por assim dizer. Com relação ao dinheiro, há um movimento em retê-lo e não entregá-lo para quem devia. O que significaria tal retenção? Podemos hipotetizar que isso expressa uma noção de valor, que também se apresenta em outro momento do tratamento, no qual ele descreve uma fantasia de vingança em relação à dama. Ele fantasiava que ela daria muito valor à posição social de um pretendente e que havia se casado com um homem com um cargo importante. O paciente entraria para essa mesma carreira do então marido da dama e se destacaria mais que este. Um dia este homem cometeria algo ilícito e a dama se voltaria para o paciente e iria implorar para que ele fosse seu marido. Vale ressaltar, que o próprio “Homem dos Ratos” é representado pelo homem que é abandonado e tem uma preocupação preponderante em ter cometido algo ilícito. Poderíamos hipotetizar que o fato de ter dinheiro lhe propiciaria poder relacionado à dama? Ele se tornaria mais valioso com dinheiro? Importa observar que o “valor” não se refere exclusivamente ao valor financeiro, mas a dimensão moral, valor moral.

Também, podemos hipotetizar, que as estratégias que o paciente estabeleceu para pagar a dívida do pincenê escondiam um auto boicote, de forma que ele se movimentava no sentido de não pagar a suposta dívida. No entanto, mesmo com tantos comportamentos ativamente realizados para esse auto boicote, o paciente demonstrava grande dificuldade em notar que ele acabava sendo “vítima de si mesmo” e não dos outros, como costumava atribuir. O seguinte trecho ratifica essa interpretação sobre as ações do “Homem dos Ratos”:

O paciente era supersticioso em alto grau, embora fosse um homem esclarecido, de elevada instrução e perspicácia, que de vez em quando me assegurava não crer naquelas bobagens (...), mas pude lhe provar, quanto às coisas desse tipo que se sucederam durante o

tratamento, que ele mesmo participava da fabricação dos milagres e quais meios utilizava para isso. (FREUD, 1909, p. 92/93).

Nessa citação, o autor situa que há uma participação do paciente sobre os acontecimentos de sua vida, mesmo naqueles que aparentemente tem uma origem “milagrosa”. Ou seja, é interessante pensar que ao atribuir ao destino os acontecimentos de sua vida o paciente ficava em um lugar de não apropriação e de irresponsabilidade quanto às suas próprias ações.

Freud (1920) se questiona sobre a razão pela qual uma pessoa repetiria uma experiência desagradável, que traria, como consequência, o desprazer ao aparelho psíquico. Exemplo disso, o autor buscou explicações para esse aspecto e, com esse objetivo, analisou algumas fontes de desprazer que se repetem: nos sonhos da neurose traumática, nas brincadeiras infantis e na relação transferencial²⁵.

As pessoas que passaram por uma experiência traumática tendem a não pensar sobre o acontecimento durante a vida desperta, mas, curiosamente, seus sonhos evocam repetidamente o momento do trauma. Esse aspecto chamou a atenção de Freud, pois aparentemente haveria uma contradição entre essa repetição no sonho e o objetivo geral dos sonhos – que seria a realização de desejo e obtenção de prazer.

Já no caso das brincadeiras infantis, Freud observou que as crianças repetem experiências desagradáveis, pois desse modo modificam a posição de passividade para atividade, ou seja, deixam de vivenciar uma situação apenas de modo passivo para uma brincadeira, em que passam a agir. Freud (1920, p. 46) faz o seguinte alerta: “Nada disso contradiz o princípio do prazer, a reexperiência de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer”. A criança quando realiza uma brincadeira, mesmo na busca pelo prazer e satisfação realiza algo que a desagrada. Ou seja, mesmo que o objetivo final seja prazer, há, ainda sim, uma ação desprazerosa.

Já nos pacientes que estão em análise, a compulsão à repetição se relaciona a traços de memória de vivências primitivas que não foram elaborados, ou seja, se repete na tentativa de elaborar. Freud observou que as situações e fatos vividos considerados como “destino” de uma pessoa, muitas vezes, são buscados ativamente, mesmo que inconscientemente, pela própria pessoa:

²⁵ Freud se refere à relação estabelecida entre paciente e analista durante o tratamento analítico.

Nelas dá-se a impressão de um destino que as persegue, de um traço demoníaco em seu viver, e a psicanálise sempre viu tal destino como, em boa parte, preparado por elas mesmas e determinado por influências da primeira infância (...). (FREUD, 1920, p.134).

Como exemplo, o autor descreve a situação de uma mulher que havia se casado três vezes e todos os maridos adoeciam, levando-a a cuidar deles até a morte. O que demonstra a recorrência de fatos que aparentemente não teriam influência da mulher em questão, mas Freud adverte que mesmo nesses casos é preciso investigar a participação da pessoa no infortúnio do qual se queixa.

Freud identificou que já nos fenômenos da embriologia, a compulsão em repetir se apresenta e conclui que “o objetivo de toda a vida é a morte” (FREUD, 1920, p. 49). O autor considera que a compulsão á repetição seria o mais originário do funcionamento psíquico²⁶, a repetição de ações indica o que foi reprimido e que o paciente não recorda, portanto se repete ações na tentativa de elaborar. Assim, além de não recordar, o paciente também pode apresentar resistências a esse conteúdo reprimido. Como na situação, em que Freud elucida para o “Homem dos Ratos” o desejo do paciente pela morte do pai, ele imediatamente recusa e fica abismado com tal afirmativa. O autor pondera, neste momento de sua obra, que a resistência do Eu tem como objetivo evitar o desprazer que seria gerado caso houvesse a liberação do reprimido, portanto a resistência estaria a serviço do princípio do prazer.

Nesse momento da obra, o autor situa a inércia como a direção de todo organismo e que há um movimento em conduzir o organismo a um estado inorgânico, o que denominou como o caráter conservador da vida pulsional. Freud define pulsão da seguinte forma:

Uma pulsão seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica. (FREUD, 1920, p.147/148).

²⁶ Na tentativa de compreender a compulsão a repetição que aparece no tratamento, Freud retoma o texto “Recordar, repetir e elaborar” (1914) e afirma que: (...) Após substituir uma forma de expressão puramente descritiva por uma sistemática ou dinâmica, podemos dizer que a resistência do analisando vem de seu Eu, e logo percebemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente.

A partir da compulsão à repetição que observava em sua clínica e seu cotidiano, Freud identificou aspectos patológicos da existência humana que serviram de fundamento para a segunda teoria pulsional, uma dualidade ainda mais original: Pulsões de Vida e Pulsões de morte. No texto “Além do princípio do prazer” (1920) não houve necessariamente uma desconsideração da antiga diferenciação, mas a dualidade “Pulsões do Eu e Pulsões sexuais (Eros e Anankê)” seria inerente a dualidade mais originária (Eros e Tânetos). Freud conclui que é preciso considerar que as pulsões de vida e de morte estão amalgamadas desde o princípio:

Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese das pulsões de morte, temos de supor que estão associados, desde o início, com as pulsões de vida. Deve-se, porém, admitir que, nesse caso, estaremos trabalhando com uma equação de duas quantidades desconhecidas. (FREUD, 1920, p. 67).

Portanto, a partir de suas investigações, Freud conclui que existe uma tensão peculiar que pode, ao mesmo tempo, gerar prazer e desprazer no aparelho psíquico. Poderíamos então hipotetizar, no caso do “Homem dos Ratos”, que a manutenção da dívida do pincenê daria notícias de uma tensão paradoxal entre prazer e desprazer?

Com essa questão em mente, buscaremos os avanços conceituais de Freud com relação a esse tipo de tensão. Quatro anos após o texto “Além do princípio do prazer”, o autor publicou o texto “O problema econômico do masoquismo” (1924). O texto foi escrito devido ao impasse notado por Freud em considerar o Princípio de Nirvana, como preponderante no aparelho psíquico²⁷, em que o organismo tenderia a se desfazer de toda tensão e levar a energia ao nível zero, fato que nem sempre correspondia às observações clínicas de Freud.

²⁷ O princípio de constância, definido por Fechner como “uma tendência a estabilidade” (Freud, 1924, p.166), na qual o objetivo seria manter mais baixo possível o nível de excitações, foi nomeado por Barbara Low como “Princípio de Nirvana”, nomenclatura que foi adotada por Freud que descreve este princípio da seguinte maneira: Assim, todo desprazer deveria coincidir com uma elevação, e todo prazer com um abaixamento da tensão devida a estímulos que se acham na psique; o princípio do Nirvana (e o do prazer, supostamente idêntico a ele) estaria totalmente a serviço das pulsões de morte, cuja meta é conduzir a vida sempre instável à quietude do estado inorgânico, e teria a função de advertir contra as exigências das pulsões de vida, da libido, que buscam perturbar o pretendido curso da vida (FREUD, 1924, p. 166/167).

Em outras palavras, Freud observou a ocorrência de situações em que a elevação de tensão era prazerosa e outras em que o rebaixamento seria desprazeroso. Como exemplo disso, o autor cita o estado de excitação sexual.

A existência de tendências masoquistas, por sua vez, seria contraditória ao princípio do prazer, pois este teria como objetivo a redução de desprazer e obtenção de prazer, já o masoquismo teria como meta o desprazer e a dor. Diante destes dilemas, entre rebaixamentos de tensão que geram desprazer e aumentos que geram prazer, o autor define que o princípio de Nirvana, pertencente à pulsão de morte passou por uma modificação que o tornou princípio do prazer.

Freud hipotetiza que a libido propiciou tal modificação de um princípio para o outro, e que assim conseguiu administrar uma parte dos processos vitais junto às pulsões de morte, e conclui que: “(...) o princípio do Nirvana exprime a tendência da pulsão de morte, o princípio do prazer representa a reivindicação da libido, e a modificação dele, o princípio da realidade, a influência do mundo externo”. (FREUD, 1924, p. 168). Geralmente, os três princípios coexistem sem significar, com isso, a anulação um do outro, se toleram. Contudo, o conflito é provável e pode, às vezes, se tornar intolerável ou emergir.

Diante dessa potência conflituosa, podemos pensar sobre o caso do “Homem dos Ratos” no que tange à questão do dinheiro, por exemplo, podemos indagar sobre qual é a relação entre prazer e desprazer operando no caso, uma vez que o Homem dos Ratos parece buscar ativamente certas dívidas e dúvidas expressas na relação que consegue estabelecer com o dinheiro?

Em uma das sessões, quando o paciente questionou o custo da sessão, pensou o seguinte: “**Tantos florins, tantos ratos**”, equivalência que foi revelada a Freud somente após seis meses de tratamento. Em seus delírios obsessivos havia criado a moeda de rato, em que os ratos significavam dinheiro, ou seja, “ter o dinheiro” seria semelhante a “ter ratos”. A repetição do pensamento relacionado à tortura de ratos gerava desprazer, mas, ao mesmo tempo, por qual razão ele se repetiria?

A noção de masoquismo moral²⁸, que foi identificado como sentimento inconsciente de culpa, nos auxilia a compreender que há um masoquismo no Eu, que busca por punição, seja do Super-eu ou dos poderes familiares externos. Freud

²⁸ Essa noção será mais aprofundada no próximo subcapítulo na página 82.

identificou, no caso do Homem dos Ratos, o sentimento inconsciente de culpa e indica que o paciente buscava se castigar por ter pensamentos como, por exemplo, os relacionados à morte do pai.

Em resumo, pudemos notar que o pensamento freudiano não é linear, característica que também está presente nos escritos que se referem à segunda teoria pulsional. Em vários momentos de sua argumentação reafirma a necessidade de se problematizar e questionar o que foi construído, de forma a não tratar a teoria psicanalítica como uma verdade absoluta.

Portanto, as hipóteses que construímos a partir da segunda teoria pulsional trazem alguns complementos quanto ao entendimento do posicionamento do paciente em sua vida e quanto ao uso do dinheiro. Parece que o paciente se via em uma posição desfavorecida financeiramente, e por consequência, de menor valor. E conflita entre casar com uma mulher com dinheiro ou casar por amor. O que seria mais valioso a ele?

Na família do “Homem dos Ratos”, ao que tudo indica, quem tinha o dinheiro era a mãe do paciente, sinal de valorização. Consequentemente, se casar com uma mulher que tivesse dinheiro seria o mesmo que se submeter passivamente a quem detém o falo (sua mãe) e poderia significar ter prejuízos. Quando pensamos em prejuízos, temos como hipótese que, na relação do paciente com sua mãe, haveria uma perda expressiva de autonomia, pois a existência do paciente estaria subjugada às vontades dela, o que remete a pensar em uma “coisificação”, por assim dizer, no sentido de ser tratado como um objeto inanimado, como algo, portanto, sem vontade, próximo de uma inexistência. Assim, como pontua Mahony (1991) a mãe ocupava um lugar de “inibidora” quanto ao paciente, como citado anteriormente²⁹.

Cabe ressaltar que com esses complementos ficou clara a necessidade teórica de Freud de reavaliar os princípios que regiam o aparelho psíquico. Com a identificação da compulsão à repetição, se tornou insuficiente à existência de somente dos princípios do prazer e da realidade. O acréscimo do princípio de Nirvana e do conceito de compulsão à repetição evidenciou mais uma vez a influência do passado na atuação presente do paciente e a necessidade de rever a estruturação do aparelho psíquico. No próximo subcapítulo, descreveremos as

²⁹ Essa noção foi apresentada na página 56.

alterações que Freud estrutura quanto à tópica e as contribuições relacionadas à nossa questão de pesquisa.

5.2 Segunda tópica: possíveis relações entre a constituição do aparelho psíquico face à alteridade.

O caso do “Homem dos Ratos” evidencia que o dinheiro, em sua família, tem um significado importante, designando poder e prestígio social. Um dos conflitos com os quais ele se depara é a dúvida quanto à escolha entre um relacionamento conjugal pautado no dinheiro ou em interesses românticos. Em outras palavras, ele escolheria o que o pai escolheu? Casaria por dinheiro ou por amor? No aspecto profissional, o paciente seguiu um dos passos do pai ao servir ao exército, mas quando estabelece uma dívida, outro impasse se coloca: deveria mantê-la, assim como o pai? Ou pagá-la? Inúmeras situações se direcionam a um conflito entre identificar-se ou não ao pai, obedecer ou não ao pai, desafiar ou não o pai. Podemos notar que, pela via da dúvida neurótica,³⁰ o pai continuou vivo na vida do paciente. Isso se faz evidente especialmente no que tange ao campo de suas escolhas e de seus conflitos.

Tais situações nos levam a indagar: quais avanços investigativos podemos obter, à luz da segunda tópica freudiana, no aprofundamento em nosso tema de pesquisa? Como já começou a ser esclarecido no primeiro capítulo, dada a relação entre “dinheiro-falo-pênis-fezes”, quais conceitos presentes na segunda tópica contribuiriam para pensar nas situações expostas no caso e para nos aprofundarmos na compreensão desta relação? Propomos aqui algumas sugestões argumentativas e/ou interpretativas que, embora Freud não as tenha feito diretamente no caso do Homem dos Ratos, são passíveis de dedução. Nesse sentido, tentaremos utilizar os conceitos desenvolvidos por Freud com o objetivo de produzir algumas reflexões sobre a equação “dinheiro-falo-pênis-fezes” tomando o caso do “Homem dos Ratos” como suporte.

Na segunda tópica, Freud demonstra mais claramente a interferência das funções parentais na construção do aparelho psíquico e, nesse sentido, podemos hipotetizar: pudemos verificar que o sintoma³¹ nos encaminha para elementos

³⁰ No texto “Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”], Freud (1908) descreve algumas características dessa neurose, dentre elas a dúvida se caracteriza por uma necessidade, em que o paciente se mantém numa posição de incerteza.

³¹ O termo “sintoma” funciona como uma manifestação de um impulso recalcado. Este termo será mais aprofundado na página 77.

históricos e também ao posicionamento do paciente frente a esses aspectos, será que podemos então pensar o dinheiro nessa dimensão? Não como o dinheiro em si, mas como uma representação de aspectos históricos do paciente, numa forma de expressão da posição subjetiva perante o mundo?

Aqui, é importante uma breve contextualização: é importante ressaltar que as construções teóricas presentes na segunda tópica não anulam os conceitos da primeira tópica e sim as sobrepõem. Na segunda tópica, Freud revê sua concepção de aparelho psíquico e estabelece a seguinte divisão: Eu, Super-eu e Id. Tal divisão é apresentada na “Conferência 31” (1933, p. 222) da seguinte forma: “Nessa distinção da personalidade em Eu, Id e Super-eu vocês não devem imaginar fronteiras definidas, como as traçadas artificialmente na geografia política (...), mas sim com áreas cromáticas que se fundem umas nas outras, como nos pintores modernos”. Essa ideia é importante, pois demonstra o Id, o Super-eu e o Eu como “lugares psíquicos”. Por essa razão se utiliza o termo “tópica”, uma vez que Id, Eu e Super-eu seriam como grandes regiões artificialmente mapeadas e assim nomeadas, compondo uma “geografia” psíquica própria, cujas fronteiras não são fixamente delimitadas.

Freud descreve que esta divisão (Id, Eu e Super-eu) pode se apresentar com grandes variações nas pessoas e conclui que a intenção dos esforços analíticos quanto a esse sistema seria o fortalecimento do Eu diante do Super-eu, para que aquele possa se apropriar de novas partes do Id. Esta seria a visada da clínica proposta por Freud, um ponto importantíssimo em sua obra, que podemos visualizar na seguinte citação:

(...) admitimos que os esforços terapêuticos da psicanálise adotaram uma abordagem semelhante. Sua intenção é, realmente fortalecer o Eu, torná-lo mais independente do Super-eu, ampliar seu âmbito de percepção e melhorar sua organização, de maneira que possa apropriar-se de novas parcelas do id. Onde era Id, há de ser Eu. (FREUD, 1933, p. 223).

A partir dessas considerações, sigamos na compreensão da dinâmica do paciente em relação ao dinheiro, bem como quanto ao seu pai. Para tal, o conceito de identificação se mostra central uma vez mais, pois em vários momentos do relato do caso, Freud faz menção a esse conceito, destacando sua importância nas relações que o paciente estabelece com seu pai.

Como já afirmamos, na parte anterior (Interpolação), quando o paciente buscou tratamento, seu pai já havia falecido. Sobre esta questão da morte de um ente “querido³²”, em 1917, no texto “Luto e Melancolia”, Freud constata que a partir das perdas objetais alterações tendem a ocorrer no Eu, por meio da identificação. O que geralmente acontece é uma substituição, na qual o investimento objetal é modificado para uma identificação. Com o estudo de tal processo, Freud pondera que, além da identificação tender a participar do trabalho de luto promovendo alterações egoicas, quando de uma perda objetal, ela participa da própria formação do Eu.

Logo, para Freud, a identificação está presente desde o início da vida e tem papel fundamental nas bases psíquicas que sustentarão traços e características egoicas. No texto “O Eu e o Id” (1923), Freud se dedica a expor o desenvolvimento do Eu. Inicialmente, no que se refere à identificação implicada na formação do Eu, Freud destaca que antes desta constituição não há uma diferença entre a identificação e o investimento em objetos, o que torna difícil até mesmo a descrição desse processo.

Freud pontua que, quando um objeto libidinalmente investido precisa ser abandonado, frequentemente ocorre uma alteração no Eu (ou Eu incipiente) e o objeto é estabelecido neste Eu “ainda frágil”. O autor reconhece que ainda não é possível explicar como ocorre a substituição do objeto e hipotetiza que a introjeção seja uma forma de regressão ao mecanismo da fase oral, na qual o Eu, numa analogia ao canibalismo, incorpora o objeto. Vemos a importância da identificação na seguinte citação:

Talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos. De todo modo, o processo é muito frequente, sobretudo nas primeiras fases do desenvolvimento, e pode possibilitar a concepção de que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto. (FREUD, 1923, p. 26).

De forma clara, podemos perceber como a identificação é essencial na formação do Eu. Além disso, é possível notar algumas influências que, desde estádios precoces do desenvolvimento, de forma gradativa, estabelecem a forma

³² A palavra ‘querido’ está entre aspas pois a relação do Homem dos Ratos com seu pai era substancialmente ambivalente.

como uma pessoa conseguirá organizar suas escolhas objetais. Disto, podemos deduzir que o Eu não abandona por completo seus objetos. Pela via da identificação estes objetos tornam-se, em certa medida, o próprio Eu.

Seguindo seus estudos sobre os efeitos das perdas objetais, Freud alerta que, antes da formação do Eu, um investimento objetal deve ser considerado simultaneamente à identificação. Em outros termos, num primeiro momento, como não há ainda uma diferenciação entre Eu e objeto e entre mundo interno e mundo externo, pois o Eu ainda não foi formado, a identificação seria como que direta, imediata e absoluta, como Freud afirma na seguinte citação:

Bem no início, na primitiva fase oral do indivíduo, investimento objetal e identificação provavelmente não se distinguem um do outro. Só podemos supor que mais tarde os investimentos objetais procedam do Id, que sente como necessidades os impulsos eróticos. O Eu, inicialmente ainda frágil³³, toma conhecimento dos investimentos objetais, aprova-os ou procura afastá-los mediante o processo da repressão. (FREUD, 1923, p. 26).

Em consequência, o Eu se forma e tem suas particularidades extremamente influenciadas e definidas pelos objetos que perderá. Por meio dessa citação também podemos tratar a questão do Id. A partir da identificação de partes inconscientes no Eu e no Super-eu não foi possível que Freud sustentasse uma divisão do sistema inconsciente afastado do Eu. Nesse momento da obra, a descrição “inconsciente” passa a significar uma qualidade que pode estar presente em qualquer uma das instâncias. Para Freud (1933, p. 210) o inconsciente é definido como: “(...) um processo psíquico cuja existência temos de supor, porque o inferimos, digamos, de seus efeitos, mas do qual nada sabemos”, tal termo passou a não ser utilizado para

³³ Como o leitor pode notar, Freud refere um “Eu ainda frágil”. No entanto, parece que mesmo a nomeação de um Eu deve ser aqui relativizada, pois no referido estágio, o Eu ainda está em vias de formar-se. Freud descreve um “ente psíquico” que ainda não se diferenciou em dois: o Id (pode-se dizer um “Ide” ainda não diferenciado): (...) vejamos agora se essa concepção, de fato, mostra-se útil para uma melhor compreensão do psíquico: um indivíduo é, então, um Id psíquico desconhecido e inconsciente sobre cuja superfície assenta-se o Eu, o qual, por sua vez, desenvolveu-se a partir do sistema perceptivo, o núcleo do Eu. Se quisermos apresentar essa concepção de forma gráfica, acrescentemos ainda que o Eu não envolve o Id por completo, mas somente recobre uma parte da sua superfície constituída pelo sistema perceptivo - analogamente a um disco germinal que se assenta sobre um ovo. O Eu não está nitidamente separado do Id; há uma zona de transição em que ele se interpenetra com o Id situado abaixo dele até o ponto em que ambos se fundem. (FREUD, 1923, p.37).

caracterizar um sistema e foi substituído pelo termo “Id”³⁴, uma província mental que se caracteriza em ser alheia ao Eu, nele rege o princípio do prazer, as leis do pensamento lógico e o princípio de contradição não se aplicam. No Id a moralidade não impera, o que nele existe são investimentos pulsionais que exigem descarga. A mediação entre o Id e o mundo externo é realizada pelo Eu, já o Super-eu vigia cada uma de suas ações e castiga o Eu em caso de infração. Ainda sobre o Id, Freud adverte que não trará muitas informações novas sobre ele:

Ele é a parte obscura e inacessível de nossa personalidade; o pouco que dele sabemos descobrimos no estudo do trabalho do sonho e da formação do sintoma neurótico, e a maior parte disso é de caráter negativo, pode ser descrita somente em contraposição ao Eu. (FREUD, 1933, p.215).

Freud (1933, p.216) destaca que o Id se caracteriza pela ausência de ideia de tempo, ou seja, o autor evidencia que o passado se faz presente na dinâmica psíquica. O que nos faz hipotetizar que a forma como o “Homem dos Ratos” lidava com o dinheiro dá indicativos de influências de seu passado. O que fica claro na seguinte citação: “Desejos que nunca foram além do Id, mas também impressões que pela repressão afundaram no Id, são virtualmente imortais, comportam-se, após décadas, como se tivessem acabado de surgir”.

Ao pensarmos no caso do “Homem dos Ratos”, quando o paciente fala do pai durante as sessões, Freud anuncia a impressão de que o pai do paciente estaria vivo. Somente após algumas sessões que o paciente relata que seu pai já havia morrido. Esta situação gera perplexidade em Freud, pois o pai do paciente parecia intensamente vivo em seu relato. Será que isso indicaria alguma dificuldade do paciente em passar pelo trabalho de luto de seu pai? Como a identificação aí opera? Lembrando que o Eu é uma instância psíquica que também pode tomar a si mesmo como objeto³⁵, como podemos pensar, no caso de uma identificação do “Homem dos Ratos” com seu pai, a situação pela qual suas escolhas objetais eram feitas e,

³⁴ Durski (2011, p.65) chama atenção para o significado do pronome “Id” (Das Es): “sujeito oculto” ou “indeterminado”, e afirma que: “Esse pronome é geralmente usado em frases como: Es blüht (floresce). Já o pronome alemão “Eu” (Das Ich) tem a mesma forma da primeira pessoa do singular do português, ou seja, é sujeito determinado. O Id seria, portanto, como que o bebê que não sabe que é um bebê. Esse bebê já é “sujeito”, já é alguém, mas alguém oculto a ele mesmo (ele é alguém para a mãe, por exemplo).”

³⁵ Propriedade que já havia sido identificada por Freud (1914) no texto “A Guisa de introdução ao narcisismo”.

em acréscimo, o que movimentou o paciente a tender a escolher mulheres por dinheiro, assim como fez seu pai? Que conflitos e dilemas psíquicos isso revela e que, no referido caso, demonstram uma clara participação do dinheiro nestas tramas psíquicas?

Para avançarmos, é preciso uma maior compreensão da dinâmica entre as três instâncias psíquicas. Sobre isso, a partir do estudo de situações patológicas, já que nelas se sobressaem características que estão presentes no aparelho psíquico e que em condições normais dificilmente seriam visíveis, Freud realiza importantes ponderações. O autor deduziu - especialmente com o estudo da parafrenia, tais como sentir-se perseguido, ouvir vozes de comando, sucumbir a uma força punitiva e observadora - a existência de uma instância que constantemente avalia o Eu.

Com isso, Freud (1933, p.196) pôde concluir que a capacidade de se auto-observar seria definida como “um preparativo para o julgamento e a punição”. Algo como uma consciência moral parecia pertencer ao Eu, mas, ao mesmo tempo, destacar-se deste. Assim, Freud sustenta em sua obra que a auto-observação é fundamental para que a consciência moral cumpra seu papel de avaliação. Ao destacar tais funções, Freud então propôs nomear uma instância psíquica encarregada de zelar pelo julgamento moral, auto-observação, avaliação e medição do Eu e do Ideal-de-Eu - a esta instância Freud deu o nome de Super-eu.³⁶

No relato do caso do “Homem dos Ratos” existem indícios de algumas expectativas familiares sobre seu comportamento desde a infância, ideais do que ele deveria ou não fazer e ser. Nesse sentido, vale ressaltar uma das características pertencentes ao Super-eu: o Ideal-de-Eu, uma função pela qual o Eu se mede e objetiva se igualar. Para Freud (1933, p.203): “esse ideal de Eu é o precipitado da velha ideia que a criança tinha dos pais, a expressão da admiração de quem os considerava perfeitos”. Freud ressalta que a humanidade é influenciada tanto pelas condições presentes como pelas passadas, assim, o Super-eu torna-se veículo da tradição de uma família, de valores que passam de geração em geração.

Na obra freudiana, as funções paterna e materna são destacadas para pensarmos na constituição do Super-eu, como podemos observar na seguinte citação:

³⁶ Durski (2011) opta por uma tradução do termo “Super-eu” para “Supra-eu” (Über-Ich). A autora situa que em alemão tal termo tem o significado de “estar acima”, “sobreposto”, e assim se distancia de uma ideia de um Super- eu como um “Eu mais poderoso”.

(...) o bebê é notoriamente amoral, não tem inibições para seus impulsos que buscam o prazer. O papel que o Super-eu virá a assumir é desempenhado primeiramente por um poder externo, pela autoridade parental. A influência dos pais governa a criança concedendo-lhes provas de amor e ameaças de castigo, que atestam a perda do amor e são temidos por si mesmos. Essa angústia realista é precursora da posterior angústia moral; enquanto ela vigora, não precisamos falar de Super-eu e de consciência moral. (FREUD, 1933, p.199).

Quanto ao caso do “Homem dos Ratos”, podemos notar que a influência educativa paterna aparece no episódio em que ele apanha do pai por ter mordido uma babá. Nessa situação o paciente reage xingando o pai, que fica surpreso com a reação do filho. Freud hipotetiza que o motivo desta surra não foi aquele que o paciente se recordava, a real justificativa seria um ato de masturbação.

Tal interdição nos coloca frente a algumas questões: Quais seriam os efeitos posteriores na vida adulta dessa interdição demarcada na infância do “Homem dos Ratos”? Poderíamos hipotetizar que uma das consequências seria a repetição dessa cena na idade adulta? Apanhar quando criança passa a ser vivenciado posteriormente como um “se bater”? Se torturar em pensamentos? Se boicotar para não pagar a dívida?

A autotortura traz indícios da existência do Super-eu, Freud o define como a instância que se relaciona ao Eu pela advertência e pela proibição, que o confronta como advogado do Id. A formação do Super-eu para Freud caracteriza-se como um caso bem-sucedido de identificação com a instância parental.

Para explicar como se dá tal processo é necessário descrevermos de forma mais detalhada aspectos da relação do bebê com seus genitores e/ou cuidadores. Precisamos, portanto, evocar a concepção freudiana conhecida como “Complexo de Édipo”, noção fundamental ao nosso trabalho.

No texto “Dissolução do Complexo de Édipo”, publicado em 1924, Freud descreve que o Complexo de Édipo é central na infância, depois de sua dissolução se estabelece o período de latência. Freud alerta que o processo se dá de formas diferentes entre meninos e meninas e assevera:

Não tenho dúvida de que as relações cronológicas e causais, aqui descritas, entre o complexo de Édipo, a intimidação sexual (a ameaça de castração), a formação do superego e o começo do período de latência são de um gênero típico, porém não desejo asseverar que esse tipo seja o único possível. Variações na ordem

cronológica e na vinculação desses eventos estão fadadas a ter um sentido muito importante no desenvolvimento do indivíduo. (FREUD, 1924, p. 199).

Considerando que, em linhas gerais, o “Complexo de Édipo” se caracteriza pela representação inconsciente pela qual se manifesta na criança o desejo sexual, amoroso ou hostil quanto a seus genitores. Há uma ambivalência de sentimentos quanto aos genitores. Ou seja, a presença de uma dualidade de sentimentos – situação claramente evidente no caso do “Homem dos Ratos”.

Para Freud (1924), o desenvolvimento sexual de uma criança evolui até a fase fálica, na qual o órgão genital assume o papel principal, nesse caso apenas o masculino, o pênis. A criança do sexo masculino percebe que os adultos não aprovam seus atos de manipulação dos genitais e logo se pronunciam sobre a possibilidade de punição, a ameaça de retirada do órgão genital. A ameaça da castração, para Freud, é o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança. Sendo que tal processo não ocorre de forma imediata, Freud nos alerta na seguinte citação sobre a influência das perdas anteriores ao período da fase fálica:

A psicanálise recentemente ligou importância a duas experiências por que todas as crianças passam e que, segundo se presume, as preparam para a perda de partes altamente valorizadas do corpo. Essas experiências são a retirada do seio materno - a princípio de modo intermitente, e mais tarde, definitivamente - e a exigência cotidiana que lhes é feita para soltarem os conteúdos do intestino. Não existe, porém, prova que demonstre que, ao efetuar-se a ameaça de castração, essas experiências tenham qualquer efeito. Somente quando uma nova experiência lhe surge no caminho, que a criança começa a avaliar a possibilidade de ser castrada, fazendo-o apenas de modo hesitante e de má vontade, não sem fazer esforços para depreciar a significação de algo que ela própria observou. A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. (FREUD, 1924, p.195).

Ou seja, ao perceber a ausência do pênis na menina, o menino passa a ficar mais convencido de que pode perder também e a ameaça de castração se torna mais intensa. Durante o Complexo de Édipo, a criança tem duas possibilidades de satisfação (ativa e passiva): uma que se caracterizaria em se colocar no lugar de seu pai e ter relações com a mãe assim como o pai, e outra em que se colocaria no lugar da mãe e seria amada pelo pai.

No entanto, com a aceitação do risco de castração, o reconhecimento da

castração nas mulheres e também que as duas formas de satisfação do Complexo de Édipo (ativa e passiva) teriam como consequência a perda do pênis. Estabelece-se um conflito entre o interesse narcísico voltado a essa parte do corpo e o que é voltado aos objetos parentais, Freud pontua que geralmente prepondera os interesses do Eu e o menino começa a desistir da paixão incestuosa. As catexias voltadas aos objetos parentais são substituídas por identificações, a autoridade parental é introjetada no Eu e o núcleo do Super-eu se forma, mantendo a proibição contra o incesto. Nesse processo, ainda, as tendências libidinais são transformadas em impulsos de afeição e também em partes inibidas quanto a seu objetivo. No texto “O Eu e o Id”, Freud descreve o processo no qual o Super-eu seria construído:

Ele se originou da introjeção, no Eu, dos primeiros objetos dos impulsos libidinais do Id, o casal de genitores, na qual a relação com os dois foi dessexualizada, foi desviada dos objetivos sexuais diretos. Apenas desse modo foi possível a superação do complexo de Édipo. O Super-eu conservou características essenciais das pessoas introjetadas, seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir. (FREUD, 1923, p. 175).

O Super-eu caracteriza-se como herdeiro do “Complexo de Édipo”, é do mundo externo que ele retirou forças e aspectos que o constituem e por essa razão que ele é um representante do mundo exterior. A partir destas concepções, o “Complexo de Édipo” pode ser considerado como a fonte de nossa moralidade individual. Como podemos pensar nessa moralidade individual e a forma como o “Homem dos Ratos” lida com o dinheiro? Parecia uma luta interna entre pagar ou não pagar? Manter a dívida como o pai ou se comportar de outra forma?

Além de pensarmos na influência dos genitores na formação do Super-eu devemos atentar ao fato de que essa instância também é afetada por outras pessoas. Freud descreve que com o tempo, essa instância passa a ser impessoal, já que se afasta dos pais e recebe interferência de pessoas que representam algum tipo de autoridade. Dentre as características do Super-eu, se destaca o aspecto da severidade, Freud descreve que o Super-eu pode destituir o Eu com recriminações, ameaças e humilhações, e até mesmo em surtos melancólicos; ele atua com seu critério moral e a culpa expressa em uma tensão entre o Eu e Super-eu.

Como citamos no início desse subcapítulo, no caso do “Homem dos Ratos”, o dinheiro tem um lugar de importância na tradição familiar do paciente. Ao que tudo

indica, a mãe do paciente administrava o dinheiro da família. Além disso, o processo analítico do paciente foi pago por ela. Mahony (1991) hipotetiza que o paciente precisava da autorização da mãe para que pudesse dar continuidade ao tratamento após Freud expor as condições iniciais quanto a honorários. O que nos faz questionar como o paciente se posicionava diante das demandas familiares. Freud afirma que a solução que ele encontrou para frustrar tais demandas foi a paralisia diante da escolha amorosa e também profissional.

Sobre essa questão da paralisia, aliás, podemos notar que há uma diminuição da ação do paciente diante de algumas escolhas, o que nos faz questionar quais aspectos envolviam e definiam a ocorrência desse mecanismo.

Para pensar nessa questão recorremos ao texto “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926). Nele Freud conceitua importantes aspectos quanto à inibição. Segundo o autor, ela se caracteriza por um prejuízo em funções do Eu, em muitos casos, a diminuição de uma função tem como objetivo evitar a produção da angústia. A inibição também pode servir a uma autopunição, em que o Eu não pode conquistar certas coisas, que são proibidas pelo Super-eu. O Eu renuncia tais conquistas com o objetivo de não entrar em conflito com o Super-eu.

Com essas afirmativas podemos hipotetizar que a saída que o “Homem dos Ratos” encontra com a paralisia talvez evitasse o surgimento da angústia. Ratificando esta ideia, no texto “O Eu e o Id” (1923) Freud considerava que o Eu tem uma relação de dependência quanto ao Super-eu e ao Id, e também apresentava impotência quanto à angústia que poderia advir perante os dois. O Eu é considerado frágil diante das outras instâncias, mas ao mesmo tempo apresenta força quanto a elas, vejamos na seguinte citação:

A separação entre o Eu e o Id parece justificada, uma determinada constelação de elementos nos obriga a fazê-la. Por outro lado, o Eu é idêntico ao Id, é apenas uma parte diferenciada deste. (...) No entanto, se ele permanece ligado ao Id, indistinguível deste, então sua força aparece. Semelhante é a relação entre o Eu e o Super-eu; em muitas situações eles convergem, na maioria das vezes podemos distinguir um do outro apenas quando se produz uma tensão, um conflito entre os dois. (...) Seria totalmente injustificado imaginar o Eu e o Id como dois campos opostos; pela repressão, o Eu buscaria suprimir uma parte do Id, então o restante do Id correria em auxílio do atacado e mediria forças com o Eu. Isso pode ocorrer com frequência, mas certamente não é a situação inicial da repressão; via de regra, o impulso instintual, a ser reprimido permanece isolado. Se o ato da repressão nos mostra a força do Eu, atesta igualmente a

sua impotência e o caráter não influenciável dos impulsos instituais do Id. (FREUD, 1926, p. 28).

Mais uma vez, Freud demonstra o quanto não há uma separação bem delimitada entre as instâncias psíquicas, tal divisão do aparelho psíquico se apresenta de forma mais preponderante quando há um conflito entre suas partes. Nesse sentido, o Eu tenta conciliar os embates entre as instâncias, sua característica de ligar e unir também se estende para o sintoma.

Sobre o sintoma, é importante situar que popularmente ele tende a ser entendido como uma disfunção que traz prejuízo para a vida de uma pessoa, contudo, para além desse aspecto, Freud considera que há uma satisfação no sofrimento trazido pelo sintoma e o considera como uma possibilidade de acesso a elementos históricos singulares daquele que se queixa. Podemos pensar que o objetivo do tratamento psicanalítico não seria a cura deste sintoma, e sim por meio dele identificar a origem da patologia e a forma como o paciente se posiciona diante dele. Freud descreve, na seguinte citação, algumas observações sobre a construção do sintoma:

O sintoma se origina do impulso pulsional prejudicado pela repressão. (...) Pode-se dizer então, de maneira geral, que o impulso instintual, apesar da repressão, encontrou um substituto, mas um bastante atrofiado, deslocado, inibido, e que já não é reconhecível como uma satisfação. Quando [esse impulso substituto] é concretizado não há uma sensação de prazer; em vez disso, tal concretização assume o caráter de coerção. Ao assim rebaixar a satisfação a um sintoma, a repressão mostra seu poder ainda em outro ponto. O processo substitutivo tem a descarga dificultada possivelmente pela motilidade; mesmo quando isso não sucede, ele tem de se esgotar na alteração do próprio corpo e não pode se estender ao mundo exterior; é-lhe interdito se converter em ação. (FREUD, 1926, p. 25).

Em outras palavras, o sintoma funciona como uma manifestação de um impulso recalcado, esse impulso desprazeroso parece não ser suprimido por completo pela repressão. Devido a sua função, o Eu busca ligar o sintoma a sua própria organização. Freud (1926, p.30) considera que, justamente, é o vínculo que o Eu cria com o sintoma um dos principais fatores impeditivos de sua ruptura.

Freud (1926, p.29/30) realiza algumas observações sobre esse aspecto na seguinte citação: “A existência do sintoma talvez ocasione certo impedimento da

capacidade, com a qual se pode atenuar uma exigência do Super-eu ou rejeitar uma demanda do mundo exterior.” Aos poucos o sintoma passa a representar valiosos interesses e se torna fundamental para o Eu, pois proporciona vantagens importantes e propicia uma satisfação narcísica que ele não conseguiria de outra maneira.

As questões referentes ao sintoma são descritas já no início do relato do caso do “Homem dos Ratos”, em que o paciente busca o tratamento para se livrar das obsessões que o atormentavam e tinham aumentado de intensidade. Com o decorrer do processo analítico, Freud demonstra os diferentes significados das obsessões e leva o leitor a perceber que o conteúdo aparente de cada pensamento repetitivo trazia consigo diversas histórias e relações da história de vida do paciente, principalmente quanto a aspectos infantis.

O paciente também apresentava certos rituais, em que havia um movimento de fazer e desfazer uma ação. A exemplo, em uma situação de viagem da dama, o paciente colocou-se em um impasse em que não sabia se retirava uma pedra que estava no caminho em que ela passaria com um transporte ou a mantinha lá. Esse movimento tinha como pano de fundo, duas ideias concomitantes, tirar a pedra e evitar um acidente, ou deixar a pedra e auxiliar na ocorrência de um acidente. Tais pensamentos demonstram o aspecto da ambivalência, citado justamente no texto “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926) como característica presente na sintomatologia da neurose obsessiva:

Em casos extremos, a maioria dos sintomas do paciente adquire, além de seu sentido original, também aquele diretamente contrário, um atestado do poder da ambivalência que, não sabemos por quê, tem grande papel na neurose obsessiva. No caso mais grosseiro o sintoma é em dois tempos, ou seja, ao ato que realiza determinado preceito segue-se imediatamente outro que o cancela ou anula, embora ainda não ouse efetuar o que lhe é contrário. (FREUD, 1926, p. 48).

Ou seja, várias manifestações repetitivas desenvolvidas na neurose obsessiva demonstram a oscilação entre uma ação e outra, ou um pensamento e outro. Como se a ação de desfazer anulasse o seu oposto.

Outra característica que chama atenção no caso do “Homem dos Ratos” é a forte recriminação que o paciente apresentava em relação a seus pensamentos, principalmente o pensamento obsessivo quanto ao medo da morte do pai.

Esse alto grau de cobrança com relação a si mesmo nos faz pensar na afirmativa de Freud de que na neurose obsessiva o Super-eu torna-se mais rigoroso e o Eu desenvolve formações reativas como sinal de obediência ao Super-eu. Essas formações se caracterizam como compaixão e asseio, por exemplo, configurando um mecanismo de defesa. As ações protetoras do “Homem dos Ratos” trazem elementos para pensarmos as formações reativas.

Seguindo esta linha de raciocínio, temos que o paciente estabelece uma relação entre ver uma mulher nua e a consequente morte do pai. Essa associação apresenta uma supersticiosidade e dá origem a impulsos de realizar alguma coisa para prevenir que algo ruim acontecesse com o pai. De forma geral, quando tinha desejos sexuais, o paciente tinha uma sensação inquietante de algo aconteceria com o pai e por essa razão deveria fazer tudo para evitar. Diante de tal conjuntura, Freud indaga, então, se a morte do pai seria um desejo, ideia rejeitada pelo paciente durante um período considerável na análise. Mesmo com uma clara negação do paciente quanto a desejos de morte do pai, Freud insiste em rastrear a origem dessa ideia que, mesmo negada, se faz tão presente no caso.

Dito de outro modo, ao temer a morte do pai, o paciente presentificava, realizava, mesmo que pelo negativo, essa morte/assassinato. Freud (1909, p. 40) afirma, aliás, que “esse medo corresponde a um desejo antigo agora reprimido, de modo que devemos supor justamente o contrário do que ele assevera.” Na seguinte citação o autor hipotetiza o momento em que o paciente pode ter começado a desejar a morte do pai:

(...) o desejo de eliminar o pai como sendo um estorvo devia ter se originado num tempo em que a situação era muito diferente, em que talvez não amasse o pai mais do que a pessoa desejada sensualmente, ou em que não fosse capaz de uma clara decisão, isto é, cedo na infância, antes dos seis anos de idade, antes que sua memória se tornasse contínua, e isto permaneceu assim para sempre. (FREUD, 1909, p. 43).

Como já afirmamos anteriormente, Freud infere que o paciente foi punido, quando criança, pelo pai por se masturbar. Castigo que pôs fim à masturbação e que fixou ao pai o papel de quem estraga o prazer sexual. Podemos nos questionar, então sobre qual seria o destino da masturbação do paciente após a interdição do pai quanto a esse ato? Depois da morte do pai o paciente passou a se masturbar,

mas se envergonhava disso e parou. Desde então se masturbava somente em situações raras: situação de estudar e brincar com a fantasia de que o pai voltaria e poderia voltar a viver a qualquer momento.

Freud descreve como se dá nesse tipo de neurose o destino da masturbação e o complexo de castração³⁷:

Há uma contradição interna no fato de justamente no interesse de preservar a masculinidade (medo de castração) ser impedida a atividade masculina, mas também essa contradição é apenas exacerbada na neurose obsessiva, ela já se encontra na forma normal de eliminação do complexo de Édipo. Todo excesso contém o gérmen de sua própria abolição, o que é confirmado também na neurose obsessiva, pois justamente a masturbação suprimida consegue, sob a forma de atos obsessivos, aproximar-se cada vez mais da satisfação. (...) (FREUD, 1926, p. 51).

Freud hipotetiza que nessa afecção um traço fundamental é a regressão libidinal. Durante a puberdade, a organização genital que havia sido barrada na infância retorna com intensidade. Dessa forma, os impulsos agressivos são reavivados e de outro lado uma porção maior ou menor de impulsos libidinais surgem como objetivos agressivos e destrutivos, sendo que há uma alteração/deformação das tendências eróticas. O Eu passa a se rebelar contra esses impulsos agressivos e, nesse sentido, não desconfia que esteja lutando contra impulsos eróticos. O que invade a consciência são elementos camuflados de forma que a repressão não destrói o conteúdo da pulsão agressiva, apenas elimina o afeto que o acompanha, esse afeto é deslocado para outro lugar.

No caso do “Homem dos Ratos”, o paciente apresentava pensamentos repetitivos que de certa forma o agrediam, com o tratamento esse mecanismo de “autoagressão” se torna mais claro. Tal agressão não se configura para o Eu como um impulso, mas sim como um pensamento.

Podemos hipotetizar que essa autoagressão se relacione ao sentimento de culpa. Este sentimento é um efeito de uma interdição, do complexo de castração. Este complexo faz parte do desenvolvimento sexual, sendo o medo da castração um sentimento decorrente da percepção da diferenciação entre os sexos, essa diferença sexual se organiza em torno de ter ou não o falo, ter o órgão genital masculino ou

³⁷ O termo “complexo de castração” será abordado mais adiante a partir da página 81.

ser castrado. A ameaça da castração no menino geralmente é atribuída ao pai ou autoridade paterna, como podemos observar na seguinte citação:

Quando o menino vê o pai poderoso como rival no tocante à mãe, e se torna cômico de suas inclinações agressivas para com ele e suas intenções sexuais relativas à sua mãe, tem razão em temê-lo, e o medo de ser castigado por ele pode, reforçado filogeneticamente, manifestar-se como medo da castração. Com o ingresso na vida social, o medo do Super-eu, a consciência, torna-se um imperativo, e a ausência desse fator, uma fonte de graves conflitos e perigos. (FREUD, 1926, p. 90/91).

No complexo de castração há uma renúncia parcial da masturbação e também ocorre o abandono de desejos edipianos. No menino, Freud afirma que a saída do Édipo configura a formação do Super-eu, por meio da identificação com o pai.

No texto “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal” em 1917, ao desenvolver aspectos que apresentou no texto “Caráter e erotismo anal” (1908), Freud amplia a imagem de castração para fezes e filho, além do pênis, e estabelece uma equivalência entre esses elementos no sentido de representantes fálicos.

Alguns anos depois, Freud publicou em numa nota de rodapé, incluída em 1923, no relato do caso clínico do “Pequeno Hanns” alguns elementos sobre o complexo de castração, que ampliam sua dimensão. Freud problematiza que a ameaça de castração se refere também a uma experiência de perda mais primitiva por assim dizer, como podemos observar na seguinte citação:

(...) Já foi sugerido com insistência que o bebê, toda vez que o seio materno é afastado dele, sente essa privação como uma castração (isto é, como perda daquilo que ele considera uma parte importante do próprio corpo); ademais, sugeriu-se que ele não pode deixar de ser idênticamente afetado pela perda regular de suas fezes, e que, afinal, o ato próprio do nascimento (que consiste de fato, na separação da criança da mãe, com a qual ela esteve unida) constitui o protótipo da castração. Mesmo reconhecendo todas as raízes do complexo, expus o ponto de vista de que a expressão “complexo de castração” deve restringir-se aquelas excitações e consequências decorrentes da perda do pênis. Qualquer um que, analisando pessoas adultas, se convenceu da presença invariável do complexo de castração irá sem dúvida encontrar dificuldades em atribuir sua origem a uma ameaça casual; aliás de espécie nada comum; será levado a admitir que as crianças constroem para si mesmas esse

perigo, utilizando os mais indiretos indícios, os quais jamais deixarão de existir (...). (FREUD, 1909, p. 17-18).

Em outras palavras, nessa citação o autor argumenta que talvez a construção do complexo é anterior, mais originária. Diferentemente de pensá-la restritamente a partir de situações consequentes da ameaça de “perda do pênis.”

No texto “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926), Freud retoma alguns aspectos sobre o complexo de castração, e o descreve como uma ameaça que implica em uma proibição que se constitui como ordeira. No caso do “Homem dos Ratos” Freud identificou o desejo de morte do pai, desde a infância, que era acompanhado por um sentimento de culpa, característica comum na neurose obsessiva. A consciência de culpa é debatida por Freud na seguinte citação:

Há também neuroses obsessivas sem nenhuma consciência de culpa; até onde podemos compreender, o Eu poupa a si mesmo a percepção desta mediante uma nova série de sintomas, atos de penitência, restrições autopunitivas. Ao mesmo tempo, esses sintomas constituem satisfação de impulsos instintuais masoquistas, que também foram reforçados pela regressão. (FREUD, 1926, p. 55).

Nesse sentido, é importante aprofundarmos sobre mais uma característica fundamental quanto ao funcionamento do Super-eu e do Eu, com algumas informações que Freud publicou em 1924, no texto: “O problema econômico do masoquismo”. O autor nos apresenta o masoquismo como parte estrutural da instância psíquica Eu e não como um estado patológico, mas como um problema para a economia do aparelho psíquico, já que objetiva desprazer. Nesse texto, o autor detalha elementos presentes nos três tipos de masoquismo: o feminino, o erógeno e o moral.

Diante desta breve descrição, nos ateremos mais profundamente ao masoquismo moral, que traz elementos para pensarmos no caso do paciente “Homem dos Ratos”. Para se ocupar desse tipo de masoquismo, Freud retoma o texto “O Eu e o Id”, em que identificou casos de pacientes que resistem à cura. Para explicar esse tipo de resistência, o autor sugere que ela é sustentada por um sentimento de culpa inconsciente, uma necessidade de punição. A satisfação desse sentimento é uma vantagem da doença e se caracteriza de forma composta com outros elementos que não desejam renunciar ao estado de estar doente.

Ao explicar o sentimento de culpa inconsciente, Freud afirma que a culpa seria a expressão de uma tensão entre o Eu e o Super-eu. Nesse aspecto, no caso do “Homem dos Ratos” podemos identificar que há uma distância entre o desejo do paciente pela morte do pai e seu ideal, de que isso não fosse verdadeiro. Tal diferença provoca sentimentos de angústia no Eu quando percebe que não alcançou as exigências do Super-eu.

Outro elemento importantíssimo quanto à dinâmica do Super-eu é sua dimensão sádica em relação ao Eu, e a característica do masoquismo presente nesse último. Freud relata que existem pessoas que dão a impressão de serem muito inibidas moralmente e que elas geralmente não percebem essa “hipermoral”. O autor nota que há uma diferença entre a continuação inconsciente da moral e o masoquismo moral. No primeiro caso há um aumento do sadismo do Super-eu em relação ao Eu. Já no segundo, o Eu busca punição por meio do seu próprio masoquismo, seja pelo Super-eu ou por poderes externos, relações que são evidenciadas por Freud na seguinte citação:

Nossa confusão inicial pode ser desculpada, pois em ambos os casos trata-se de uma relação entre o Eu e o Super-eu, ou poderes a estes equivalentes; nas duas vezes lidamos com uma necessidade que é satisfeita mediante o castigo e o sofrimento. Não será um detalhe irrelevante que o sadismo do Super-eu se torne gritantemente cruel, em geral, enquanto a tendência masoquista do Eu permaneça quase sempre oculta ao indivíduo e tenha de ser inferida do seu comportamento. (FREUD, 1924, p. 177).

Ou seja, Freud situa que o sadismo do Super-eu alia-se ao masoquismo do Eu, que se submete à suas punições. Condições que se complementam e produzem o mesmo efeito, pois o masoquismo moral corresponderia a essa dimensão masoquista do Eu e a moralidade seria adquirida por meio do Super-eu.

Ao pensar sobre o masoquismo moral, podemos hipotetizar sobre o comportamento do “Homem dos Ratos” em relação a Freud. Após o autor intervir em relação ao desejo do paciente quanto a morte do pai. O paciente começou a ter vários pensamentos, sonhos, devaneios, em que xingaria Freud e seus parentes, mas em sua presença testemunhava enorme respeito. Quando o paciente trata Freud, indiretamente, com hostilidade e agressividade, poderíamos hipotetizar que isso seria uma expressão tanto de sua culpa inconsciente quanto do desejo de morte?

Ainda seguindo a descrição de Freud quanto ao masoquismo moral, com o objetivo de provocar punição, a destrutividade que vem do mundo exterior é acolhida no Super-eu que eleva o sadismo em relação ao Eu. A primeira renúncia pulsional é estipulada por poderes externos e cria a moralidade que se expressa na consciência e passa a exigir novas renúncias pulsionais. No caso do “Homem dos Ratos”, quando o paciente se paralisa na vida quanto ao trabalho, quanto à escolha amorosa e se aprisiona em suas obsessões podemos pensar nisso como uma forma de se punir? Uma forma de se castigar?

Com a exposição sobre o aspecto do sadismo presente no Super-eu podemos verificar sua interferência quanto ao sofrimento do “Homem dos Ratos”. Evidenciou-se a importância da configuração familiar na forma como o paciente se posiciona em relação ao dinheiro, demonstrando que o dinheiro não é somente o dinheiro, pois o posicionamento do paciente frente a isso carrega diversos e profundos aspectos de sua história familiar. A divisão do aparelho psíquico no que tange à segunda tópica freudiana trouxe, portanto, novos elementos para pensarmos a dinâmica do paciente que são: a culpa inconsciente, o masoquismo moral e o sadismo do Super-eu, como instância vigilante e punidora.

Além desses aspectos, a segunda tópica traz uma proposta de pensarmos as instâncias psíquicas como interligadas e também compostas por partes conscientes e inconscientes. Podemos notar no caso do “Homem dos Ratos” o funcionamento das instâncias e principalmente os efeitos de um Super-eu rigoroso tanto no aparelho psíquico, como de forma geral na maneira como o paciente lida com as demandas familiares e também com o dinheiro. Aparentemente há um esforço do paciente em corresponder a essas demandas e ao tentar se controlar, ou controlar o que foge a essa demanda, parece que há uma intensificação de seu descontrole, que o paralisa. Podemos concluir que o Eu tem a função de lidar e mediar economicamente com as forças e exigências que nele incidem. O que nos faz questionar: Até que ponto, o “Homem dos Ratos”, demonstra nessa tarefa de mediar economicamente demandas a forma como ele consegue estabelecer seu (des)controle financeiro?

Outro aspecto do caso do “Homem dos Ratos” que nos chamou a atenção é a circunstância em que o paciente se “bate” para pagar a dívida, podemos hipotetizar que ele se agride e ao mesmo tempo agride seu pai, “bate” no pai, o que permite pensar numa dimensão de indiferenciação entre ele e o pai. Essa dúvida: Sou eu ou

sou o pai, remete a pensar na identificação primária e na noção de Id como uma instância em que não há diferenciação entre os elementos, tal conflito se atualiza e demonstra a atemporalidade do Id.

Também pudemos situar o sintoma como uma saída, uma solução, para potenciais conflitos implicados no funcionamento psíquico, uma forma de lidar com algo do insuportável. Então, as ideias aparentemente absurdas do “Homem dos Ratos” são enigmas que levam a uma trama histórica e trazem um sentido que havia sido distorcido pelo mecanismo de repressão.

Outro conceito que nos aproximamos nesse percurso teórico foi o complexo de castração, que trouxe à tona que o temor infantil quanto a uma real castração se torna mais indeterminado com o passar do tempo, pois a angústia de castração passa a ser uma angústia social e fica mais indeterminada quanto a sua fonte. Além de tais aspectos, podemos pensar na influência do complexo de castração na forma com a qual o paciente se posiciona quanto às perdas. Com relação as suas escolhas, podemos hipotetizar: Será que a recusa em optar e paralisar diante de decisões dizem de um objetivo em manter duas opções e ilusoriamente não perder nenhuma delas? Também, podemos pensar se nesse caso, com relação ao dinheiro sobre a dúvida entre pagar e não pagar, se a influência do Super-eu quanto à forma a partir da qual o paciente lida com a dívida mostra uma preocupação dele em ser um “bom homem” ou “um grande criminoso”.

Afinal, o que são essas divisões presentes no caso? Divisões entre ou amar ou odiar o pai; entre casar com uma mulher rica ou com uma mulher amada; entre ou ser um bom homem ou ser um criminoso; entre trair o pai ou realizar os próprios desejos, etc. No que tange à questão do dinheiro, seriam estas divisões meramente monetárias, no sentido de ser pagador ou devedor? Há um prazer e desprazer em se manter endividado? Isso teria associação com o sadismo presente no Super-eu?

Objetivando melhor compreender essas questões que ficaram em aberto estruturamos algumas hipóteses sobre elas.

Ao estudarmos o Complexo de Édipo pudemos perceber que sua passagem se caracteriza pelo processo de internalização da Lei, via autoridade paterna, quanto à interdição do incesto e do parricídio. Freud se aprofunda nesse sentido no texto “Totem e Tabu” (1912), no qual procura descrever o mais primitivo das civilizações para compreender como se instituiu o “horror ao incesto”. Freud conclui que não é algo geneticamente determinado, ou seja, a aversão ao incesto não é inata. As

restrições sexuais foram estabelecidas culturalmente, Freud (1912, p.145) afirma que: “A moralidade fundamenta-se parte nas exigências dessa sociedade, parte na penitência e na culpa”.

Tendo em vista essa citação, o autor alerta que há uma dimensão singular e uma dimensão histórica quanto à culpa. Podemos observar na seguinte citação:

Não é exato dizer que os neuróticos obsessivos, curvados sob o peso de uma moralidade excessiva, estão se defendendo apenas da realidade psíquica e se punindo através de impulsos que foram simplesmente sentidos. A realidade histórica também tem sua parte na questão. (FREUD, 1912, p. 162).

Quando a autoridade paterna insere a lei, essa última se torna reguladora do desejo amoroso e também do desejo assassino. Em uma situação ideal essa regulação libertaria o filho para desfrutar dos desejos amorosos e hostis, estabelecendo relações afetivas qualitativamente prazerosas. Essa é a dívida simbólica que o todo filho possui em relação ao seu pai e que jamais poderá ser paga, pois o filho está em uma posição diferente que o pai.

Freud se questiona então, por qual razão que um filho não conseguiria usufruir plenamente da liberdade em amar e odiar. A que situação histórica (como sinalizada acima) isso remete que faz com que a saída obsessiva seja pela paralização, a dúvida, a culpa, a necessidade de punição, a postergação, a desafetização?

Para responder a essa questão, Freud se dedica a se debruçar em estudos da área da antropologia social sobre as sociedades mais primitivas e suas organizações quanto às leis. A partir desses estudos e de sua prática clínica, o autor constrói o mito da horda primitiva, ou “horda patriarcal”. Esse mito indica que em tempos imemoráveis, o que não significa uma realidade factual, tanto o incesto quanto o parricídio ocorreram e produziram efeitos, a identificação ao pai morto e sua consequente introjeção. Podemos observar como Freud descreve esse fato na seguinte citação:

Tudo que aí encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem. Esse estado primitivo da sociedade nunca foi objeto de observação. (...) Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer

individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força (FREUD, 1912, p. 145).

No entanto, a libertação desse pai, paradoxalmente significou interdição. Esses elementos que Freud (1912, p. 146) situa nesse mito se relacionam com os complexos envolvendo os pais de seus pacientes neuróticos, como afirma a seguir: “Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais, mas amavam-no e admiravam-no também.”

Ao se livrar do pai, foi satisfeito o ódio e os filhos colocaram em prática os desejos de se identificarem a ele, no entanto a afeição que estava recalcada se manifestou em forma de remorso. O sentimento de culpa surgiu coincidindo com o remorso do grupo todo. Freud indica que o pai morto se tornou ainda mais forte do que quando era vivo.

No caso do “Homem dos Ratos” se evidencia a ambivalência de sentimentos com relação ao pai, uma dívida impagável, o sentimento inconsciente de culpa, a necessidade de punição, a dúvida e a postergação do desejo. Pois, realizar e fazer valer seu desejo significa, simbólica e inconscientemente, matar o pai, e, por meio da identificação com ele, ocupar a posição de marido da mãe consumando o incesto.

O que caracteriza uma configuração afetiva em que estes personagens se gratificam ao controlarem os seus desejos e prazeres, por meio do controle sobre o prazer e satisfação dos outros envolvidos. Essa dimensão do controle é apresentada por Freud, já nos escritos de 1905, no texto “Três ensaios sobre a sexualidade”. Como já relevado no primeiro capítulo deste trabalho, na tentativa de elucidar esse processo de desenvolvimento da sexualidade, Freud nomeia, de forma hipotética, uma sequência de fases que antecedem a organização genital (oral, sádico-anal e fálica). Dentre elas, Freud indica que na fase anal-sádica é que se estabelece o campo de controle sobre as satisfações de si e dos outros.

Em suma, com o desenvolvimento da sexualidade, importantes transformações nos modos de obter e oferecer satisfações eróticas se processam. Inicialmente, as fezes perdem sua exclusividade na eficácia quanto à dimensão de

controle, ou como moeda de controle, ou seja, o que era valioso para a criança e para os pais passa a não o ser mais, exclusivamente. Posteriormente, o “pênis”, também não pode mais ser utilizado para esse fim, pois, seu uso remeteria ou à ameaça da castração ou à consumação dos desejos proibidos. Como consequência dessas perdas simbólicas, o dinheiro passa a assumir, com toda sua potência controladora, uma função de mediador nas relações afetivas e amorosas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando realizamos uma pesquisa em psicanálise partimos de uma questão suscitada na prática clínica daquele que a exerce. Esse modo de pesquisa se aproxima da forma como Freud construiu a teoria psicanalítica. Nesse sentido, é a partir da clínica que a teoria se constrói, se torna mais consistente em seu diálogo constante com os impasses clínicos. Em meio a diversas problemáticas na atuação em instituições, algumas questões quanto a presença ou ausência do dinheiro como pagamento do tratamento de pacientes se apresentaram. Dentre elas, escolhemos compreender a relação entre dinheiro e economia psíquica. Com esse objetivo, tomamos como referência o caso clínico do “Homem dos Ratos” para problematizar esta relação.

Para isso, tomamos como referência a obra freudiana e, como estratégia teórica, esta pesquisa foi dividida em dois capítulos. Na transição entre eles foi descrita uma “interpolação”, com o objetivo de apresentar teorizações que não pertencem completamente nem à primeira, nem à segunda tópica. Ou seja, participavam das duas parcialmente, por assim dizer. Os conceitos freudianos foram apresentados a partir de uma ordenação cronológica, mesmo que levemos em consideração que o pensamento de Freud não é linear, pois os conceitos se sobrepõem em diferentes momentos de sua obra.

Ao longo da pesquisa, as hipóteses surgiram quando, ao seguir o passo a passo de Freud, e assim nos apropriarmos de sua metapsicologia, se tornou mais evidente a complexidade do uso do dinheiro e como ele aponta para questões subjetivas no caso do “Homem dos Ratos”. A partir desta perspectiva, foi possível problematizar a conexão entre “dinheiro – falo – pênis - fezes”, tendo sido igualmente possível hipotetizar que cada um desses elementos representa uma quantidade de prazer e de desprazer inerentes ao dinamismo psíquico.

No início da dissertação apresentamos uma síntese sobre o caso do “Homem dos Ratos” para situar o leitor em relação aos aspectos fundamentais da história do paciente e também evidenciar que as construções teóricas posteriores de Freud descritas nos capítulos seguintes se relacionam à situações clínicas presentes no caso.

No primeiro capítulo, apresentamos algumas características da neurose obsessiva-compulsiva, como a ambivalência afetiva, a onipotência do pensamento mágico, a dúvida, a anulação, o isolamento, as ideias de morte, o deslocamento, a condensação e a culpa inconsciente. O autor indicava que o “Homem dos Ratos” apresentava tais características. Evidenciamos que no momento em que Freud atende o paciente, já havia construído um aporte teórico que demonstra uma forma de entender e intervir sobre a patologia. E por essa razão decidimos apresentar a primeira tópica freudiana com o objetivo de destacar que há um entendimento quanto ao funcionamento psíquico que dá sustentação ao manejo clínico adotado pelo autor quanto ao paciente. Também, foi possível descrever as características do aparelho psíquico na primeira tópica, dividido em duas grandes instâncias: Csc/Pcs (Consciente/Pré-consciente) e Ics (inconsciente).

Pudemos notar que no discurso do “Homem dos Ratos” apresentava-se um conteúdo fortemente voltado às questões da sexualidade. Devido a essa centralidade buscamos compreender os pressupostos teóricos de Freud quanto à sexualidade e a primeira teoria pulsional.

Na sequência, ao expor o desenvolvimento sexual humano sob a perspectiva freudiana à época dos Três Ensaio (1905), foi possível perceber que o autor evidencia não haver vínculo rígido entre a pulsão e o objeto que a satisfaz. Na busca em definir as pulsões mais originárias, Freud decidiu pautar-se na clássica divisão fome *versus* amor - pulsões do Eu *versus* pulsões sexuais - para embasar seus estudos sobre a dimensão econômica vigente no aparelho psíquico, sendo essa a divisão que caracteriza a primeira teoria pulsional freudiana. Freud postula que o ser humano tem uma dupla existência, na qual as pulsões sexuais estariam a serviço da sexualidade, que lhe movem involuntariamente e até contra a sua própria vontade, e as pulsões do Eu, que teriam como objetivo a conservação do indivíduo.

Freud sugeriu uma sequência de fases organizadoras da sexualidade que antecederiam a organização genital, fases relativas a certa predominância da lógica do prazer e desprazer, a partir de regiões corporais, tais quais a boca e o ânus. Inicialmente estariam vinculadas a uma necessidade biológica, por exemplo, a boca estaria relacionada à função de nutrição. Mas, para além disso, em cada fase, se tende ao estabelecimento de um registro psíquico a partir de formas de se relacionar com o objeto (por exemplo, a incorporação/introjeção na fase oral).

Concluiu-se que as fases não são superáveis, pois continuam interferindo em processos presentes e futuros - em outras palavras, as experiências vividas na infância continuam produzindo efeitos. Ou seja, o passado se faz presente. Sendo assim, a sobreposição das fases destaca a atemporalidade dos processos psíquicos.

No caso do “Homem dos Ratos”, essa característica se evidenciou, por exemplo, na situação da dívida do pincenê. Que se referia à uma dívida de outra ordem, pois não se tratava exatamente do dinheiro que precisava ser restituído, mas sim, muitos indícios, memórias infantis e associações apontavam tratar-se de uma dívida com o pai – situação, portanto, mais antiga e aparentemente atualizada na contemporaneidade da dívida do pincenê.

Na atualidade da vida do “Homem dos Ratos”, essa situação do pincenê parece referir-se a esse passado/presente no sentido de que, em uma de suas memórias infantis, o paciente lembra que mordeu uma babá e teve uma reação paradoxal diante da punição do pai pelo seu ato, pois ao mesmo tempo em que se submetia ao que ele determinava, xingava-o pela proibição. Freud hipotetizou que, na realidade, a punição seria decorrente de um ato de masturbação, e não de uma mordida. Tal cena foi identificada por Freud como a mais primitiva sobre o conflito entre manter o pai vivo ou assassiná-lo - o que indica, portanto, que esse impasse que se apresenta na atualidade da dívida do pincenê representa elementos do passado sendo atualizados no presente e também faz referência à trama edípica.

Ao que muitos fatores também indicaram, o pai exerceu um papel de interdição na vida do paciente e, diante das regras que impunha, ele hesitava entre cumprir e/ou desafiar o interdito paterno. Por exemplo, casaria com os mesmos critérios utilizados pelo pai ou o “mataria” ao tentar ignorá-lo, descumprindo suas ordens? Nesse sentido, tornou-se bastante importante, percebermos que, na verdade, esse conflito vivenciado pelo “Homem dos Ratos” é um conflito sem solução, pois mesmo que ele casasse por dinheiro (seguindo as expectativas paternas), o pai seria morto em alguma medida, uma vez que esse ato poderia significar que, por meio da identificação, ele ocuparia o lugar do pai ao lado da mãe. Assim, sendo como o pai e escolhendo objetos amorosos como o pai o fez, os fatores incestuosos e hostis se evidenciam. Em outros termos, parecia existir um dilema psíquico insolúvel na posição ocupada pelo “Homem dos Ratos”, dilema que apontava para a possibilidade de que, qualquer que fosse o arranjo efetuado, o

resultado apontaria para a (re)vivescência dos desejos inconscientes infantis proibidos.

Em outras palavras, reiterando e buscando apreender a questão, ao casar-se ou não por dinheiro, não haveria saída, a morte do pai e a cópula com a mãe seriam simbolizadas em qualquer das opções. Talvez, aliás, tenha sido por essa razão que o paciente se posicionasse como que “em um caminho intermediário” em que não assumia uma decisão em termos de casar-se, adoecendo e paralisando-se.

O mesmo dilema parecia estar presente no delírio em relação aos ratos, em que foi possível notar que não seria o rato, mas sim as condensações e deslocamentos que ele carrega, que traziam importantes indagações, ainda inconscientes para o paciente. O rato representaria o impasse do paciente entre querer ser como pai, já que o pai também havia servido ao exército e, ao mesmo tempo, desejar ser diferente- diferenciando-se do pai.

Ser como o pai ou não ser? Tal pergunta nos leva a outra: por que seria difícil para o paciente ver seu pai como devedor de jogo ou ele mesmo como devedor? Essa dimensão da dívida nos direcionou a uma reflexão sobre a lógica sintomática do paciente subentendida a estes dilemas psíquicos. Nesse sentido, foi à luz da segunda tópica freudiana que avançamos na elaboração de proposições teóricas sobre nossa pergunta de pesquisa.

Além de destacarmos os dilemas em relação ao pai, também demos ênfase ao papel da mãe do “Homem dos Ratos”, pois ela tinha o controle das finanças da família e um domínio sobre a vida do filho. Nessa família, figuras femininas se tornavam valorosas por seus dotes financeiros, não por seus atributos físicos e/ou intelectuais, o que, de certa forma, reforçava as expectativas parentais em relação às escolhas amorosas que o “Homem dos Ratos” deveria promover.

Com o objetivo de melhor compreender o dilema vivenciado pelo paciente entre atender seu desejo ou as expectativas parentais, nos debruçamos sobre o conceito de narcisismo. Interessa observar que ao aprofundarmos nosso estudo sobre o tema fomos conduzidos à ideia de assinalarmos uma interpolação entre os capítulos I e II, destacando, em nossa concepção, que as formulações apresentadas por Freud sobre o narcisismo e as instâncias ideais demarcam um período de transição entre a primeira e a segunda tópica, na medida em que não se restringem exclusivamente aos temas abordados por Freud em seus estudos anteriores e abrem importantes interlocuções com as formulações subsequentes.

Em primeiro lugar, podemos notar que, segundo a concepção freudiana, o Eu é formado na relação com a exterioridade e é investido de libido. Mas, se o Eu também é investido de libido, é um objeto da pulsão sexual. Com isso, Freud viu-se obrigado a avançar na investigação da formação do Eu e sobre a própria divisão entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, o que abriu caminho para que o autor verificasse a existência de uma dualidade pulsional ainda mais originária e fundamental.

Nesse sentido, por meio da argumentação de Freud, que desdobra a questão narcísica sobre o processo de identificação, podemos perceber que este último indica haver, na fase oral, uma parcela de agressividade que precisa ser levada em consideração quanto ao entendimento da questão pulsional. Ou seja, a agressividade na fase oral-canibalesca indica que a destrutividade é primária e não consequente de uma frustração imposta pela inserção do princípio da realidade. Sendo assim, destacamos que a ambivalência presente na fase oral pode ser considerada como um dos aspectos que caracterizam a transição para postulação da pulsão de morte.

Outro aspecto que marca a transição da primeira para segunda tópica foi a identificação das instâncias “Eu-ideal” e “Ideal-de-Eu”. Essa divisão demonstrou que a formação do Ideal-de-Eu pode advir, inicialmente, da influência das exigências de cuidadores da criança, ou seja, é composto tanto de uma parcela individual como também social. Essa influência social é transmitida pela voz e é tutelada pela consciência moral, instância que teria como função avaliar as ações do Eu em comparação com o ideal-de-Eu, já o Eu-ideal seria referência ao Eu, um modelo. O que demonstra que há uma instância psíquica que teria como função avaliar as ações do Eu em comparação com o ideal-de-Eu, o que demanda a necessidade de teorização sobre a existência do Super-eu.

No segundo capítulo, procuramos identificar as contribuições teóricas efetuadas por Freud na segunda tópica, que nos auxiliasse no entendimento de nosso problema de pesquisa. Hipotetizamos que o paciente repetia em várias situações uma dúvida: ele oscilava entre uma posição e outra, o que expressava uma divisão interna. O paciente era vítima de si mesmo, realizava um auto boicote o qual, aparentemente, o levava a repetir situações infantis desprazerosas. Nesse sentido, buscamos, no conceito de compulsão à repetição forjado por Freud, uma

resposta à pergunta: Por qual razão uma pessoa repetiria uma experiência desagradável?

Foi possível notar, nos argumentos de Freud (1920), que há uma participação ativa do paciente sobre os acontecimentos de sua vida, mesmo naqueles que aparentemente têm uma origem “milagrosa”. Ou seja, ao atribuir ao destino os acontecimentos de sua vida, o paciente ficava em um lugar de irresponsabilidade quanto às próprias ações.

Freud considera que a repetição de ações ocorre na tentativa de elaboração e indica o que foi reprimido. No caso do “Homem dos Ratos” o ódio em relação ao pai não poderia se tornar consciente, era um conteúdo reprimido, da ordem do insuportável. Por essa razão, quando Freud elucida esse conflito de ambivalência em relação ao pai, o paciente recusa essa interpretação e fica abismado com tal afirmativa.

A repetição de acontecimentos que Freud observou nas neuroses traumáticas, na transferência e nas brincadeiras infantis o levou à importantes investigações. O autor percebeu que há uma conexão entre a compulsão a repetição e a inércia psíquica, um movimento em conduzir o organismo a um estado inorgânico, o que denominou como o caráter conservador da vida pulsional. Por meio da repetição, o organismo realiza um direcionamento a um estado anterior, o qual, em última instância, significa um movimento em direção à morte.

Com o estudo da compulsão à repetição, Freud forjou a hipótese de que a dualidade pulsional se estabelece entre Pulsões de vida e Pulsões de morte. Não houve necessariamente uma desconsideração da primeira teoria pulsional, mas o conflito “Pulsões do Eu x Pulsões sexuais (Eros e Anankê)” seria inerente à dualidade mais originária (Eros e Tânatos). No que se refere ao caso do “Homem dos Ratos”, foi possível notarmos que a manutenção da dívida também dava notícias sobre uma tensão paradoxal de movimento e inércia entre prazer e desprazer concomitantes.

Por meio do estudo da segunda tópica, foi possível perceber que Freud (1923) demonstra mais claramente a interferência das funções parentais na construção do aparelho psíquico e reafirma a importância do mecanismo de identificação como essencial para formação do Eu, Super-eu e Id. O termo “inconsciente” passou a designar uma qualidade referente aos conteúdos presentes nas instâncias do Eu, do Super-eu e do Id. Ou seja, Freud não abandonou a primeira

tópica, mas realizou uma sobreposição da primeira tópica sobre a segunda, onde Id, Eu e Super-eu podem apresentar, ou não, conteúdos conscientes, inconscientes ou pré-conscientes.

A partir dessa configuração do aparelho psíquico, perguntamo-nos sobre a dificuldade do “Homem dos Ratos” em relação ao luto pela morte (assassinato) de seu pai. Ao pensar que o Eu toma a si mesmo como objeto, como poderíamos avaliar as escolhas objetais que o paciente fazia? Que conflitos e dilemas psíquicos demonstram uma clara participação do dinheiro nessas tramas?

Ao argumentarmos sobre a influência educativa do pai na situação em que repreende o paciente, e também sobre os efeitos dessa interdição, questionamos: Será que a repetição do “se bater” e “se torturar” teria relação com essa interdição? A autotortura que o paciente apresenta traz indícios do Super-eu, pois Freud nos diz que o Super-eu consiste num caso bem-sucedido de identificação com a instância parental. A luta entre pagar e não pagar a dívida alude também ao Super-eu, instância que é afetada por outras pessoas e sobre a qual nos permitiu o questionamento: Até que ponto o Homem dos Ratos demonstra, na tarefa de mediar economicamente as demandas, a forma como consegue estabelecer seu (des)controle financeiro? Ao se agredir para pagar a dívida do pincenê, por exemplo, será que o paciente também agride seu pai? Tal questão coloca a pergunta, novamente: “Sou eu ou sou meu pai?”.

Ao temer a morte do pai, o paciente presentificava essa morte. Em termos psíquicos, esse medo anunciava a própria realização do que era temido. Além disso, o pai ficou representado como aquele que estragava o prazer, fato facilmente passível de ser gerador de ódio. Nesse sentido, a autoagressão, além de ser direcionada ao pai, no que se refere à introjeção deste, poderia ter relação com o sentimento de culpa e com uma tentativa de “expição”, por assim dizer, pelo assassinato do pai.

Notamos que a culpa inconsciente, no sentido do masoquismo moral, seria uma tensão entre o Eu e o Super-eu e, assim, questionamos: Será que quando o paciente tratava Freud com hostilidade e agressividade seria uma expressão da culpa inconsciente? Na relação com Freud, atualizava-se o paradoxo: pai vivo/pai morto, sou eu ou sou o pai, sou eu ou sou a mãe (portadora do dinheiro). Assumir ou não uma posição passiva?

Pensar nessa ambivalência nos remeteu a problematizar sobre a dualidade de sentimentos – situação claramente evidente no caso do “Homem dos Ratos”. Nos questionamos sobre as divisões apresentadas no caso. Seriam elas: as divisões entre amar ou odiar o pai; entre casar com uma mulher rica ou com uma mulher amada; entre ser um bom homem ou ser um criminoso; entre trair o pai ou realizar os próprios desejos, etc. E nos perguntamos: no que tange à questão do dinheiro, seriam tais divisões meramente monetárias, no sentido de ser pagador ou devedor? Há um prazer e desprazer em se manter endividado? Isso teria associação com o sadismo presente no Super-eu?

Tais questões apontaram para a necessidade de construirmos propostas mais gerais sobre a economia pulsional e a circulação afetiva. Ao estudarmos o Complexo de Édipo pudemos perceber que sua passagem se caracteriza pela internalização da Lei, via autoridade paterna, quanto à interdição do incesto e do parricídio. Destacamos que Freud (1912) aprofunda o assunto no texto “Totem e Tabu”, no qual procura descrever o mais primitivo das civilizações para compreender como se instituiu o “horror ao incesto”. Freud conclui que a aversão ao incesto foi estabelecida culturalmente com base na culpa e na punição. O que indica que há uma dimensão singular e uma dimensão histórica relacionada à culpa. Também pudemos concluir que quando ocorre a internalização da Lei, via autoridade paterna, ela se torna reguladora do desejo erótico e hostil. Essa regulação permite, em situações ideais, a liberação do filho para usufruir de seus desejos amorosos e hostis nas suas relações afetivas. Essa seria a dívida simbólica de todo filho em relação ao seu pai, dívida que não poderá ser paga jamais. E nos indagamos: porque, na neurose, essa possibilidade de libertação significa, paradoxalmente, paralisação?

Como hipótese, é possível pensar que do ponto de vista econômico, o Super-eu tem uma dimensão sádica, a volta do sadismo contra o Eu que impede que os impulsos destrutivos tenham emprego na vida. Freud, no texto “Problema econômico do masoquismo” (1924), afirma que há uma porção de destrutividade que eleva o sadismo do Super-eu em relação ao Eu. Por essa razão, o autor afirma que com esse entendimento é possível compreender a razão pela qual a internalização da lei resulte em um sentimento de culpa, e também paralisação. Na qual a consciência tende a ser mais severa proporcionalmente a abstenção do ato de agressão quanto aos outros.

Foi possível perceber que os elementos que Freud descreve no mito da horda primitiva se relacionam com os complexos envolvendo os pais de seus pacientes neuróticos. Inclusive pudemos identificar tais aspectos no caso do “Homem dos Ratos” em que evidenciamos a ambivalência de sentimentos com relação ao pai, uma dívida impagável, o sentimento inconsciente de culpa, a necessidade de punição, a dúvida e a postergação do desejo.

Destacamos ainda, que com o processo de desenvolvimento da sexualidade os interesses de uma criança tendem a se modificar, assim como os modos de obter e oferecer satisfação. Pudemos notar que o interesse inicial pelas fezes perde sua exclusividade na dimensão do controle, o que era valioso para a criança e para seus pais passa por modificações. O “pênis” também não pode ser utilizado como moeda de controle, pois isso remeteria a ameaça de castração ou realização de desejos proibidos. Como consequência dessas perdas simbólicas notamos que o dinheiro passa a assumir uma função mediadora nas relações afetivas. Sendo assim, foi possível concluir que o modo como cada pessoa maneja o dinheiro expressa simbolicamente a equivalência proposta por Freud: “dinheiro-falo-pênis-fezes”. Ou seja, o uso do dinheiro traz consigo uma representação de aspectos históricos do paciente, em uma forma de expressão de sua posição subjetiva perante o mundo. Essas conclusões se desdobram em aberturas possíveis para a continuidade da pesquisa em um momento posterior, especialmente com o objetivo de refletir sobre a função do dinheiro na clínica e na relação transferencial. Ou seja, ampliar as hipóteses de como esse fator pode influenciar na direção do tratamento.

Neste sentido, em minha própria clínica, este estudo trouxe contribuições na forma de escutar cada paciente e de considerar a representação do dinheiro, bem como a forma a partir da qual o manejo econômico do dinheiro, referente às especificidades do caso a caso, pode indicar traços de como se dá a distribuição da economia e dinâmica psíquica de cada paciente. Por exemplo, lembro-me de uma situação em que um paciente atendido no Caps³⁸ me disse: “Sabe, quando se mexe com dinheiro, se mexe com tudo na vida de uma pessoa”. O paciente não pagava em dinheiro pelos atendimentos, mas “pagava caro” pelo tratamento, pois, para ele,

³⁸ Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) é um dispositivo de saúde especializado em atender dependentes de álcool e outras drogas, que tem como base o tratamento em liberdade. (BRASIL, 2002).

o fato de não trabalhar e receber o auxílio doença³⁹ pelo INSS era vergonhoso pois, moralmente, o valor recebido dessa forma, o tornava um homem de pouco valor, na medida em que, para ele, ficar afastado do trabalho representava não ter capacidade de produção, ser inválido, desvalorizado. Em contrapartida, o dinheiro tinha outro sentido quando era advindo de sua prática profissional. Ou seja, o dinheiro que advinha do próprio trabalho trazia-lhe maior satisfação. Este paciente dava muitos presentes a todos os profissionais da equipe e dizia-se sentir-se em dívida pela sua melhora e evolução. O que gerava uma indagação: Qual seria a razão de se sentir tão endividado com a equipe? Pude perceber que seria necessário aprofundar quanto aos aspectos mais singulares de sua história para identificar outros elementos sobre esse posicionamento. Por outro lado, é possível pensar que de forma geral, ele tentava “mexer” com as pessoas oferecendo algo valioso, como por exemplo, presentes para a equipe ou se comportando de forma a cumprir todas as regras da instituição.

Ao passo que esse usuário tinha evidentemente a intenção de controlar a si e aos outros, e até mesmo sobre o dinheiro, muitos dos usuários de CAPS AD trazem comumente outra questão, um descontrole quanto ao dinheiro.

Não é raro que sejam tutelados pela família, ou mesmo por instituições, quanto a esse aspecto. Nos grupos terapêuticos que ocorrem nessa instituição, geralmente a fala é massificada em frases como: “todos temos dificuldade em manejar o dinheiro”, “não posso ter dinheiro na carteira”, “se eu pegar o dinheiro, ele some na minha mão”. Quando alguém fala algo diferente disso, gera estranhamento nos demais. No entanto, quando passo a escutar mais cuidadosamente cada um desses pacientes, outros elementos aparecem. Alguns dos pacientes separam seu dinheiro em suas despesas fixas e o que sobra é utilizado para o consumo de drogas. Outros gastam todo seu dinheiro com o uso de drogas e roubam de outras pessoas para aumentar a possibilidade de compra. Outros não têm dinheiro algum e pedem para as pessoas. Alguns valorizam o dinheiro que advém de seu esforço, outros não. Essas variações são infinitas e mostram a diversidade de informações que é possível acessar sobre a singularidade e funcionamento psíquico de cada paciente.

³⁹ Benefício assistencial por incapacidade laboral concedido pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). (BRASIL, 2015).

Ao longo desse percurso teórico, ficou claro que o dinheiro não significa somente o dinheiro, sendo possível deduzir que o manejo financeiro demonstra uma posição subjetiva sendo expressa por meio do modo como cada um trata as questões de investimento econômico. Isto é, assim como os outros investimentos, o investimento financeiro não está livre das influências pulsionais. Ao partir da investigação de aspectos relativos ao dinheiro no caso do “Homem dos Ratos”, sendo eles: a mãe rica, pai que se casa por dinheiro, pai endividado, dívida do pincenê e mãe que paga a análise, pudemos deduzir muitos dados referentes à posição subjetiva do paciente.

Por fim, além de ter o potencial de funcionar como um regulador das relações amorosas e afetivas, o dinheiro demonstrou estar associado aos dilemas edípicos e aos dilemas da castração, trazendo consigo representações simbólicas de perdas primitivas relacionadas a equação simbólica “dinheiro-falo-pênis-fezes”, ou seja, impasses que não se restringem somente ao caso do “Homem dos Ratos”, mas se referem à construção psíquica em geral. Hipotetizamos assim, que as dúvidas e os dilemas do “Homem dos Ratos” apontavam para um resultado inescapável: perder. Perder uma parte de si, não possuir aquilo que o faria completo, sem falta - o objeto fálico que justificaria uma ideia ilusória de completude. O dinheiro também possui uma dimensão que pode se relacionar com o objeto fálico, tal constatação abre a possibilidade de futuros estudos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria GM/MS nº 336, de 19 de Fevereiro de 2002. Estabelece que os Centros de Atenção Psicossocial poderão constituir-se nas seguintes modalidades de serviços: CAPS I, CAPS II e CAPS III, definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 9 fev. 2002. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Portaria_336.pdf>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria/ SNAS nº 224, de janeiro de 1992. Estabelece diretrizes para atendimento ambulatorial no SUS. **Diário Oficial [da] União**, Brasília – DF, 1992. Disponível em: <http://www.saude.sc.gov.br/geral/planos/programas_e_projetos/saude_mental/portaria_n224.htm>.

BRASIL. PREVIDÊNCIA SOCIAL. Auxílio doença. Publicado em: 28 de setembro de 2015. **Diário Oficial [da] União**, Brasília – DF, 2015. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/todos-os-servicos/auxilio-doenca/>>.

DARRIBA, V. O “inacabamento” do conceito na psicanálise. *Pulsional*, 2004, p. 78-85.

DURSKI, L. M. *ENTRE O PSÍQUICO E O SOMÁTICO - Um estudo, a partir das obras de Freud e Winnicott, sobre os limites e as possibilidades da clínica psicanalítica*. 196 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

FARIAS, F.R. O dinheiro no sintoma e a dívida da dúvida: memórias de uma existência. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 2011, p. 84-98.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 5, cap. 7, p. 541 - 648.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol.7, p. 117-231.

FREUD, S. (1908) Caráter e erotismo anal. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol.9, p. 159-168.

FREUD, S. (1909) Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Observações Sobre um Caso de Neurose Obsessiva [“O Homem dos Ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros Textos*. Tradução sob direção de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2013. vol. 9, p.13-112.

FREUD, S. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 10, p. 13-136.

FREUD, S. (1911) Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. vol.1, p. 63-78.

FREUD, S. (1912) Totem e Tabu. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2004. vol. 13, p. 11-164.

FREUD, S. (1913) Sobre o início do tratamento. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2004. vol. 12, p. 135-158.

FREUD, S. (1914) À guisa de Introdução ao narcisismo. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. vol. 1, p.95-132.

FREUD, S. (1914) Recordar, repetir e elaborar. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2004. vol. 12, p. 159-172.

FREUD, S. (1915) Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2004, vol. 1, 133-174.

FREUD, S. (1915) O Recalque. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Luiz Alberto Hanns. São Paulo: Imago, 2004, vol. 1, 175-194.

FREUD, S. (1917) Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 14, p. 223-242.

FREUD, S. (1917) As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 17, p. 131-142.

FREUD, S. (1917) Luto e Melancolia. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 14, p. 243-264.

FREUD, S. (1920) Além do Princípio de Prazer. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. 18, p. 11-76.

FREUD, S. (1923) O Eu e o Id. In: *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. Tradução sob direção de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011. vol. 16, p.13-74.

FREUD, S. (1924) O Problema Econômico do Masoquismo. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 19, p.173-188.

FREUD, S. (1924) Dissolução do Complexo de Édipo. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 19, p.189-200.

FREUD, S. (1926) Inibição, Sintoma e Angústia. In: *Inibição, Sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. Tradução sob direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2014. vol. 17, p.13-123.

FREUD, S. (1933) Conferência 31- A dissecação da personalidade psíquica. In: *EDIÇÃO Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 22, p. 63-84.

GARCIA-ROZA, L.A. Pesquisa de Tipo Teórico. In: *Atas do 1º Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise*. Programa de estudos pós graduados em Psicologia Clínica/ PUC-SP, n.1, fev. 1994.

GEIGER, P. *Novíssimo Aulete - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2011. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/pincenê>>

MAHONY, P. J. (1991) *Freud e o Homem dos Ratos*. São Paulo: Escuta, 1991. p. 233.

MEZAN, R. (1998). As primeiras sessões. In: *Escrever a Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 143 – 162.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figura 1 – O HOMEM DOS RATOS-FILME

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FbXHtAyEKNu>>.

Figura 2 – NERY, I. A FIGURA, 1927.

Disponível em: <<http://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/ismael-nery/#jp-carousel-6352>>.

Figura 3 - NERY, I. COMPOSIÇÃO SURREALISTA, 1928.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1324/composicao-surrealista>>.

Figura 4- NERY, I. O LUAR (DOIS IRMÃOS), 1925.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8657/ismael-nery>>.